

SEPTENTRIO



AMERICA
PROVINCIAIS



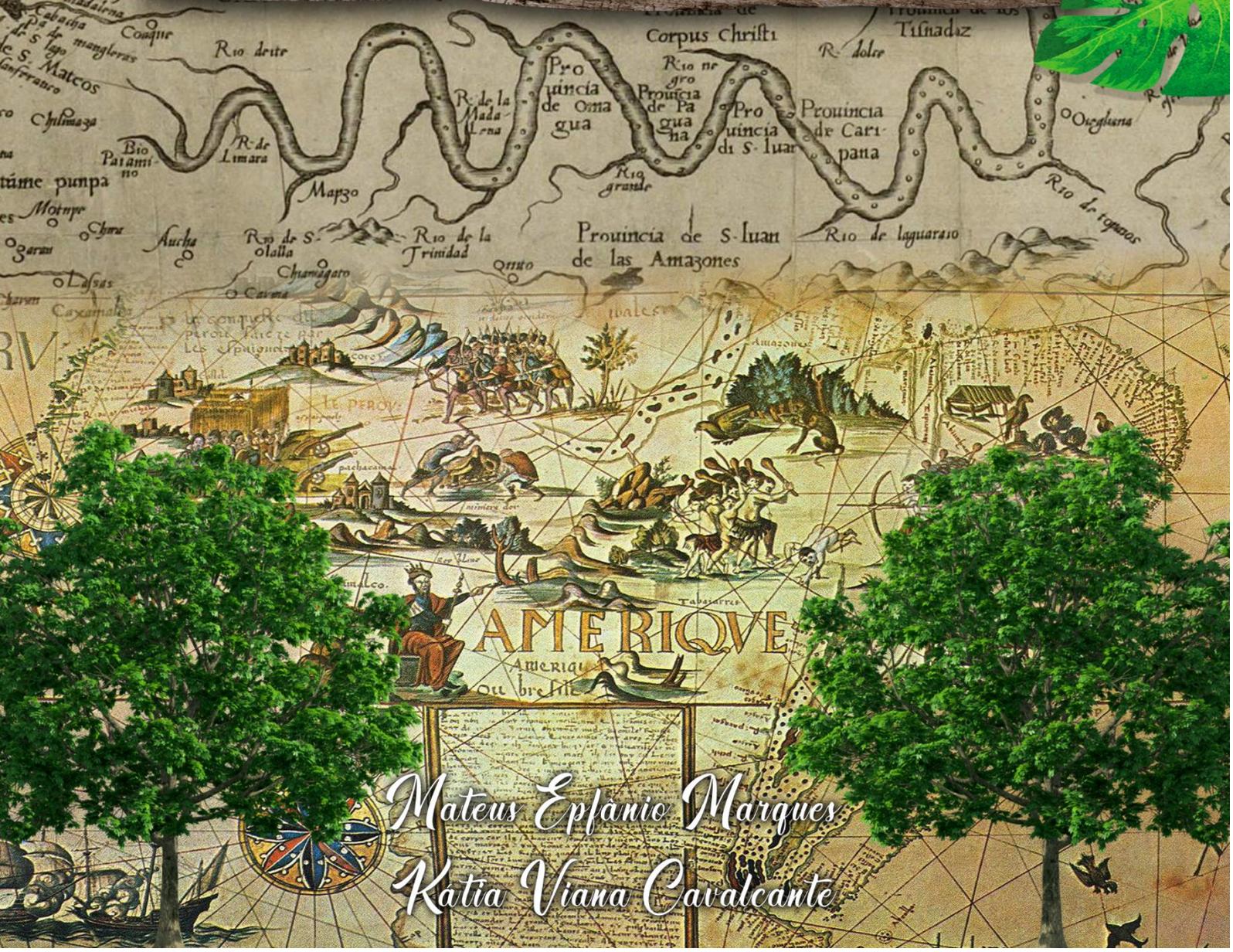
M. aequodul

Isse
rup.

Desertumagnum:

Acaratim terra

Atlas De Representação
Literária Do Amazonas



Rio deite

Pro
vincia
de Oma
gua

Pro
vincia
de Pa
gua
ha

Pro
vincia
de S. luan

Provincia de S. luan
de las Amazonas

AMERIQUE

Mateus Efranio Marques
Katia Viana Cavalcante

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO
DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS
Mestrado Profissional**

MATEUS EPIFÂNIO MARQUES

ATLAS DE REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO AMAZONAS

PRODUTO EDUCACIONAL

TEFÉ-AM
2021

MATEUS EPIFÂNIO MARQUES

ATLAS DE REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO AMAZONAS

PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (Profciamb), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Atuação: Sociedade e Ambiente

Eixo Estruturante: comunidade, saúde e ambiente

Orientadora: Kátia Viana Cavalcante

TEFÉ-AM
2021

Overview:

Produto educacional: Atlas de interpretação literária envolvendo o ensino das Ciências Ambientais.

Subject: Environmental Science, Languages, Literature

Level: High School, Graduate / Professional, Adult Education

Material Type: Lesson Plan, Textbook

Author: [Mateus Epifânio Marques; Kátia Viana Cavalcante](#)

Date Added: 12/02/2021

License: [Creative Commons Attribution Non-Commercial Share Alike](#)



Language: Portuguese

Media Format: Downloadable docs, eBook

EPÍGAFRE

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

Davi Kopenawa

APRESENTAÇÃO

A ideia para este produto educacional nos surgiu após a leitura da obra de Franco Moretti, intitulada *Atlas do romance europeu 1800 – 1900*. Ele em determinado trecho nos provocou: “não possuímos atlas artísticos, não possuímos atlas literários... Então, por que não tentar fazer um?” (Moretti, p. 16). Aquilo foi desafiador e ficamos nos lembrando enquanto escrevíamos o projeto de pesquisa para a qualificação do mestrado, o que propor como produto educacional?

Nos meses que seguiram a elaboração do projeto de pesquisa, nos víamos cada vez mais tentado a fazer a provocação de Moretti; e em certo momento cedemos a essa ideia e dedicamos um tempo precioso para realizá-la. Voltamos os olhos para os livros de geografia e, especialmente, para a cartografia, algo que nunca tinha nos chamado atenção em meus tempos de estudante do ensino médio. Pois tanto nele quanto no ensino fundamental os professores sempre pediam para desenharmos mapas, mas não para imaginar um mapa literário ou histórico da nossa região.

Fizemos pesquisas em várias áreas do saber para descobrir os tipos de mapas que cada uma tinha; por exemplo, na biologia, temos mapas do corpo humano, das células, dos tecidos musculares; na história, há mapas que mostram as grandes descobertas do século XV e XVI, rotas marítimas das grandes expedições; na geografia, mapas geológicos, políticos, econômicos, territoriais, vegetação, climático, entre outros.

Nessa jornada, pesquisamos em vários sites de busca se tinha algo parecido no Brasil; não encontramos, ao menos nos sites que buscamos, porém descobrimos que estávamos longe de ser o primeiro a ter essa grande ideia, visto que na Europa, já na década de 1970, muitos estudiosos haviam feito tentativas de esboçar um atlas literário. Todos muito diferentes, e todos escritos como se ignorassem totalmente a existência dos outros; mas todos com uma coisa em comum: os mapas desempenham neles um papel completamente periférico, isto é, apenas decorativo.

Situar o fenômeno literário em seu espaço específico – mapeá-lo – não é a conclusão desse trabalho; mas é seu início. Depois disso começamos a parte mais desafiadora de todo o empreendimento: olhamos o mapa e pensamos. Olhou-se uma configuração específica – a região portuária de Manaus, descrita na obra de Milton Hatoum; a viagem de Thiago de Mello ao baixo Amazonas, saindo do Educandos, atravessando o rio Negro e navegando pelos rios que tercem uma parte da espinha

dorsal do Amazonas; ou ainda os homens e mulheres que vivem as margens dos rios amazônicos, os *Filhos da várzea*.

Os mapas nesta obra são mais que metáforas, são menos ainda ornamentos do discurso, mas são como ferramentas analíticas: que dissecam o texto de maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas. No caso, das ciências ambientais traz à luz os aspectos socioambientais que os autores amazonenses relatam em seus escritos.

Este trabalho está organizado em duas partes: a primeira parte é uma sinopse de cada obra literária amazonense analisada, acompanhada dos mapas mentais e as análises dos aspectos socioambientais verificados nelas; a segunda parte vem com os mapas de geolocalização dos lugares em que a maioria das tramas se desenvolvem ou circulam dentro do enredo, além de passagens dos textos lidos que representam o local que o mapa indica.

Direcionamos este produto educacional para ser trabalhado com estudantes do Ensino Médio de maneira interdisciplinar, já que o uso de mapas nos dá várias possibilidades de explorá-los. E a literatura é uma grande fonte de pesquisa para descobrir novas formas de ministrar os objetos de conhecimentos e torná-los mais próximos da vivência do educando.

Bom uso desta proposta pelo educador e colaboração dele com sugestões ou compartilhando com os demais profissionais das outras áreas do Ensino Básico. É uma demonstração de visibilidade das questões ambientais em obras literárias para a sociedade envolvente. É uma das muitas alternativas para o ensino da Literatura e outros componentes curriculares da escola amazônica e brasileira.

Desejamos uma boa leitura, que você, educador, possa utilizar esse material em suas aulas e enriquecer mais ainda seu trabalho pedagógico; como aprendemos nessa jornada: o juiz, como sempre, é o leitor.

Matheus Epifânio Marques, autor
Kátia Viana Cavalcante, autora

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa mental de Dois Irmãos	13
Figura 2 - Mapa mental de Comandante Lourenço	17
Figura 3 - Mapa mental de Filhos da Várzea.....	21
Figura 4 - Mapa mental de Amazonas, pátria da água.	24
Figura 5 - Mapa mental de O Encontro das águas.....	29
Figura 6 - Mapa mental de Coronel de Barranco.	35
Figura 7 - O Amazonas de Dois irmãos, de Milton Hatoum.....	39
Figura 8 - O Brasil de Dois Irmãos, de Hatoum	41
Figura 9 - A região metropolitana de Manaus em Dois Irmãos	43
Figura 10 - A região portuária de Manaus em Dois Irmãos	44
Figura 11 - O Amazonas de Comandante Lourenço, de Sylvia Aranha.....	47
Figura 12 - A Amazônia de Comandante Lourenço, de Sylvia Aranha	48
Figura 13 - O Brasil de Comandante Lourenço, de Sylvia Aranha.....	50
Figura 14 - A várzea de Filhos da várzea, de Aníbal Beça.	52
Figura 15 - O Amazonas de Amazonas, pátria da água, de Thiago de Mello.	55
Figura 16 - A Amazônia, de Thiago de Mello.....	57
Figura 17 - A Manaus, de Thiago de Mello	58
Figura 18 - Viagem ao Rio Amazonas e seus Barrancos	59
Figura 19 - O Amazonas de O Encontro das águas, de Sylvia Aranha	61
Figura 20 - O Brasil de Encontro das águas, de Sylvia Aranha	63
Figura 21 - A Amazônia de Coronel de Barranco	65

SUMÁRIO

1	DOIS IRMÃOS.....	11
1.1	Recursos Hídricos	14
1.2	Recursos florestais.....	14
1.3	Recursos de fauna.....	15
1.4	Aspectos climatológicos.....	15
1.5	Aspectos territoriais.....	15
1.6	Aspectos de Produção	16
2	COMANDANTE LOURENÇO	16
2.1	Recursos Hídricos	17
2.2	Recursos florestais.....	18
2.3	Recursos de fauna.....	18
2.4	Aspectos climatológicos.....	19
2.5	Aspectos territoriais.....	19
2.6	Aspectos de Produção	19
3	FILHOS DA VÁRZEA	20
3.1	Recursos hídricos	21
3.2	Recursos florestais.....	21
3.3	Recursos de minerais.....	22
3.4	Recursos de fauna.....	22
3.5	Aspectos climatológicos.....	22
3.6	Aspectos de Produção	22
4	AMAZONAS, PÁTRIA DA ÁGUA	22
4.1	Recursos hídricos	24
4.2	Recursos Florestais.....	25
4.3	Recursos minerais	25
4.4	Recursos de fauna.....	26
4.5	Aspectos climatológicos.....	26
4.6	Aspectos territoriais.....	27
4.7	Aspectos de produção.....	27
5	ENCONTRO DAS ÁGUAS	27
5.1	Recursos hídricos	29
5.2	Recursos florestais.....	30
5.3	Recursos de fauna.....	30

5.4 Aspectos climatológicos.....	30
5.5 Aspectos territoriais.....	31
5.6 Recursos de produção.....	31
6 CORONEL DE BARRANCO	32
6.1 Recursos hídricos	35
6.2 Recursos florestais.....	36
6.3 Recursos de fauna.....	36
6.4 Aspectos climatológicos.....	37
6.5 Aspectos territoriais.....	37
6.6 Aspectos de produção.....	38
7 DOIS IRMÃOS.....	39
8 COMANDANTE LOURENÇO	46
9 FILHOS DA VÁRZEA	51
10 AMAZONAS, PÁTRIA DA ÁGUA	53
11 O ENCONTRO DAS ÁGUAS	60
12 CORONEL DE BARRANCO	64
13 UMA PROPOSTA PARA USO NAS AULAS.....	66
14 CONSIDERAÇÕES	68
15 REFERÊNCIAS.....	69



PARTE I – ANÁLISE AMBIENTAL

1 DOIS IRMÃOS

A conturbada trajetória dos gêmeos Yaqub e Omar, na Amazônia, ao longo de 50 anos, dá enfoque para os primeiros anos do regime militar na região. Publicado pela primeira em 2.000, *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, é narrado em primeira pessoa por Nael, filho de Domingas, empregada e índia. Ele tenta descobrir quem dos gêmeos é seu pai, buscando sua própria identidade ao investigar suas raízes. Milton Hatoum escreve uma história que leva o leitor a Manaus dos anos 70 e faz uma viagem pelas paisagens amazônicas.

A trama carrega consigo as mudanças que Manaus sofreu ao longo dos tempos, desde as primeiras décadas do século XX até os anos 70 daquele século. Além disso, o romance mostra uma Amazônia exuberante com suas águas norteando a vida do homem manauara, especialmente dos que viviam às margens do Rio Negro em Manaus ou na região portuária da cidade, como é o caso da família dos gêmeos.

Os filhos do casal Zana e Halim, ambos de origem libanesa. Nascidos em Manaus, os dois foram criados sob a superproteção da mãe, que sempre teve uma predileção clara pelo caçula Omar. Ainda na adolescência, começa a história de rancor entre os irmãos. A disputa por Lívia, a sobrinha aloirada dos Reinoso, vizinhos da elite manauara, começa em uma noite de cinema na casa de Estelita, a tia da garota. Enciumado com a aproximação de Yaqub e Lívia, Omar revela seu caráter explosivo e fere com uma garrafa estilhaçada o rosto do irmão:

Apostando na distância para amenizar o ódio e apagar da memória o incidente, Halim e Zana decidem mandar Yaqub para uma temporada no sul do Líbano. Omar, a pedido da mãe, é o que fica perto da família, sendo tratado por cinco anos como filho único.

A experiência imposta em uma cultura totalmente distinta devolve ao Brasil, anos depois, um jovem Yaqub introspectivo e um tanto bruto nos modos, mas sem dúvida mais maduro que o irmão Omar, que crescia na idade, mas não nas responsabilidades.





A família de comerciantes tinha em Manaus uma posição privilegiada, principalmente quando comparada à maioria da população local. Omar se aproveitou disso a vida toda e nunca se dedicou por muito tempo nem à escola, nem a uma profissão. Yaqub, por outro lado, já não se ajustava àquela realidade. A relação conturbada com o irmão o repelia de sua terra natal e do convívio familiar. Mais que isso, Manaus, uma terra esquecida em um país que galopava em seus planos de desenvolvimento, já não comportava suas ambições.

Yaqub anuncia então sua partida para São Paulo, sem aceitar a mínima ajuda dos pais. Ingressa na Escola Politécnica e dá início a uma bem-sucedida carreira. Passa a visitar cada vez menos sua família. Quando esses raros encontros acontecem, não leva a esposa e faz de tudo para esconder detalhes de sua nova vida. Toda vez que ele chega, Zana se enche de um orgulho forçado pelo remorso de ter contribuído muito para esse distanciamento. Mesmo assim, nunca deixa de acobertar o caráter frágil de Omar, que ainda vivia das vantagens desse cuidado doentio que a mãe lhe destinava.

A narrativa de Hatoum começa pelo final. No primeiro capítulo, ouvimos os lamentos de uma Zana atormentada por se sentir culpada pela decadência moral e financeira da família. A partir de então, são reconstruídos todos os antecedentes desse desfecho, pela voz de Nael, um narrador que vive o dilema de ser observador e personagem dessa história.

Nael é filho de Domingas, mulher que personifica todas as contradições dos limites tênues que separam as posições de empregado, família e escravo, em um contexto herdado do colonialismo.

Os patrões viam em Domingas a índia que resgataram do costume pagão e trataram como família. Embora família, nesse caso, significasse morar “nos fundos da casa” e trabalhar como empregada. O discurso de laços familiares fica ainda mais absurdo quando Domingas é abusada por um dos gêmeos e engravida. A jovem então percebe que não tinha o direito de ser “tão família” assim.

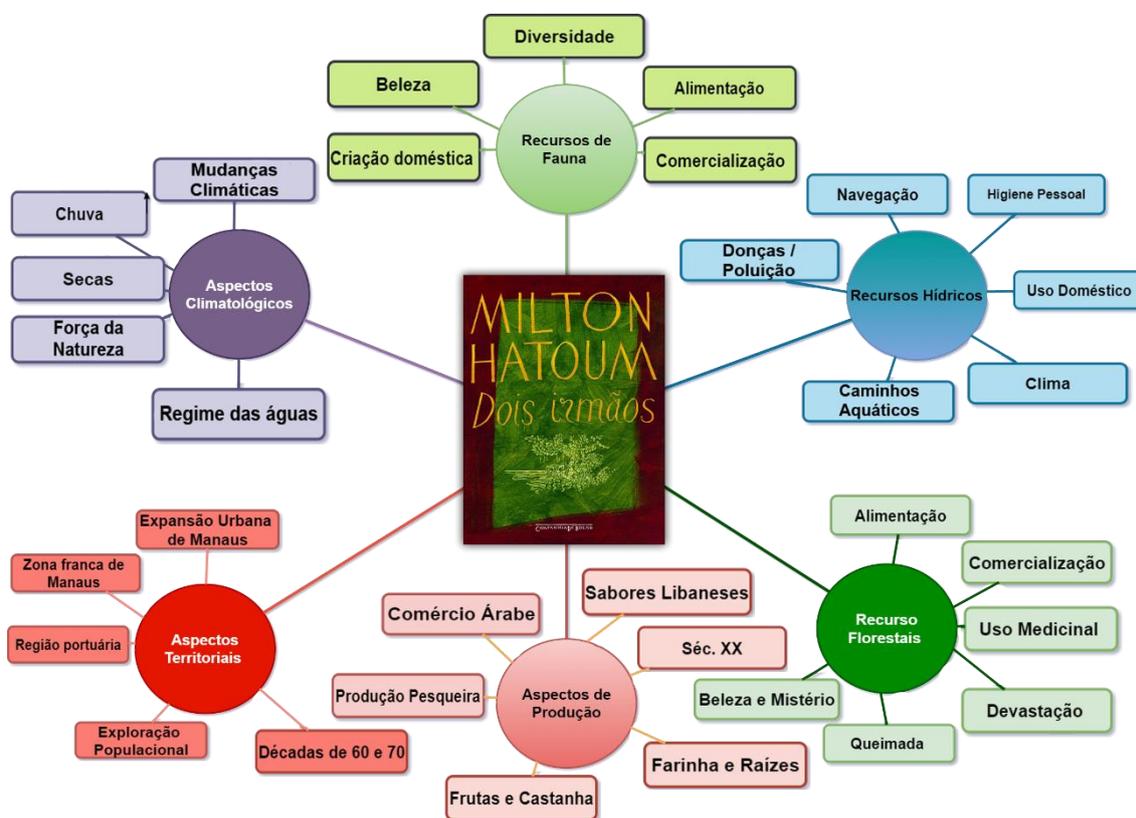
Nael herda o mesmo destino da mãe – viver sem saber ao certo qual a sua origem e qual o seu papel. Todos da família conheciam os laços sanguíneos que o uniam ao garoto, mas isso não impediu que ele fosse criado como uma criança sem pai, fruto de algum descaminho da pecadora Domingas. O avô, Halim, é o único que se preocupava um pouco mais com Nael. Embora nunca tenha tido a força de assumir o parentesco, ele nutria um carinho pelo menino e passava horas contando-lhe histórias. São essas anedotas que dão forma à narrativa, conduzida pela voz de Nael.



Para ele, as palavras foram uma forma de reconstruir a história desconhecida de sua própria vida e, dessa forma, expurgar os rancores que começaram bem antes do seu nascimento e se perpetuaram em todos os membros daquela família.

A trajetória de abusos, vinganças e declínio da família de Halim pode ser encarada como uma metáfora do ciclo de perdas que o nosso país enfrenta desde a sua origem. Colonizar é obrigar um povo a viver marginalizado, como bastardo, em sua própria terra. Assim como Domingas, os colonizados ora são família, ora empregados, ora escravos – tudo depende do que convém ao colonizador. Ter Nael como narrador desse romance é uma escolha significativa de Hatoum. Ele dá voz a quem teve que se calar a vida toda. É a chance de recontar uma história.

Figura 1 - Mapa mental de Dois Irmãos



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

O mapa acima sintetiza todas as questões ambientais encontradas neste romance, e abre caminhos para novas interpretações a partir das questões que o autor expõe em sua narrativa. Foi um dos textos mais interessantes de se analisar.

1.1 Recursos Hídricos

Esse recurso é apresentado na obra de forma abundante, a água é uma grande personagem neste romance, pois ela está presente ao decorrer das ações, nos rios, quando o pai sai em busca do filho que desaparecera e insistia morar em uma embarcação; seja presente em inúmeros igarapés que cortam Manaus; seja no bairro Educandos, também conhecido como cidade flutuante, onde os menos afortunados residem.

Ela é uma presença constante nas ações mais impactantes dos personagens principais, especialmente em forma de chuva, isso ocorre quando os irmãos, Yaqub e Omar brigam, ou na morte de um personagem, como Laval.

Água está presente no regime climatológico da região, isto é, na subida e descida das águas, que regulamentam as estações do ano na Amazônia. Esse recurso está descrito sempre no decorrer da obra. Ela é usada nos serviços domésticos, na higiene pessoal; para saciar a sede dos animais, mas principalmente para a navegação.

1.2 Recursos florestais

Esse recurso se apresenta principalmente nas lembranças de Halim, de quando chegou à Amazônia, sua admiração pela beleza da floresta e a imensidão verde que a cobria, como é o caso do arquipélago de Anavilhanas.

Também é representado pela velha seringueira, árvore já quase morta que existia nos fundos da casa de Halim, pai dos gêmeos. Ela era o símbolo da riqueza que o Amazonas já teve um dia, era o local que o núcleo familiar depositava suas amarguras e angústias.

O autor traz em vários momentos a devastação da floresta intacta para a abertura de novos bairros, na Manaus industrial, que surgiam do dia para a noite, para abrigar os nordestinos que vieram para Amazônia em busca da riqueza do látex e com o declínio ficaram “sem eira ou beira”.

Os recursos florestais estão também representados na obra pelas ervas medicinais na sabedoria popular, como copaíba e andiroba, que curam as enfermidades dos povos da floresta.

Esses recursos aqui são usados para a alimentação do dia a dia, para comercialização nas feiras da região portuária, bem como a medicina local e para demonstrar a diversidade da floresta.



1.3 Recursos de fauna

Assim como os recursos florestais, os de fauna são presentes ao longo da obra. A diversidade de peixes, mamíferos, aves entre outros animais são mencionados largamente no decorrer das ações. Como a maior da trama se passa na região portuária de Manaus, então é comum na fala dos personagens mencionar quão abundante é o Amazonas na sua diversidade de peixes, alguns hoje até proibidos de serem consumidos, caso do peixe-boi.

Os peixes estão no cardápio da família de Halim e de todos aqueles que fazem parte da trama. Os pássaros são mencionados pela beleza de seus cantos e exuberantes plumagens. Há também as formas antropomórficas, isto é, a comparação de humanos com a fauna local, nas expressões: “Sapo Quente”, “cabeça de cobra”, “cachorro largado”.

A fauna amazônica é utilizada na obra para alimentação, comercialização, criação doméstica, também mostrar a diversidade dela no cenário amazônica.

1.4 Aspectos climatológicos

Estes aspectos estão descritos ao longo da trama de Hatoum e sobressai a chuva e as mudanças que ela causa na região. O narrador cita em algumas passagens as dificuldades de se navegar durante o período das secas. Ele fala do clima quente e úmido que o Amazonas é refém, mas que ajuda na manutenção da vida neste pedaço de chão.

As praias da região portuária de Manaus são destaques, quando Yaquib rememora sua infância e primeiros anos de adolescência junto do irmão gêmeo. Elas também aparecem nas viagens feitas ao longo dos rios e igarapés da região. As praias de rios são uma grande atração na época do verão amazônico e isso tem impactos na geografia amazônica.

1.5 Aspectos territoriais

Apesar de não explicitar nenhum conflito territorial ao longo do romance, entretanto, o autor narra à expansão do perímetro urbano de Manaus, especialmente a partir da década de 60 e 70, com a instalação da Zona Franca de Manaus e, conseqüentemente a vinda de várias indústrias para a cidade, o que fez ter uma explosão demográfica, surgindo novos bairros, muitos ao redor do polo industrial. Além disso, a trama busca mostrar as mudanças de Manaus ao longo dos anos, seja a região portuária,





seja os novos bairros mais distantes do centro que surgem para abrigar tanto nordestinos como outras pessoas que veem a Manaus à procura de uma vida economicamente melhor.

1.6 Aspectos de Produção

Hatoum dá destaque à influência dos comerciantes árabes na economia local, especialmente no início do século XX como eles vieram para a região e vendiam de tudo, alguns fazendo fortunas, outros nem tanto, porém sempre movimentando a economia manauara.

Ele também narra nas entrelinhas à decadência da borracha na região amazônica, mas mostra outros meios de produção que Manaus começa a ter: a indústria, a produção pesqueira, visto que no porto da cidade se comercializa de tudo, mas seu comércio forte é o pescado, assim chega peixe dos vários lagos, rios, igarapés que cortam não só Manaus, mas Iranduba, Careiro entre outros.

Outra produção que tem destaque na obra são as frutas, castanhas, farinhas e seus derivados; mencionando seus sabores e gostos que encantavam os árabes, mas que eles não perdiam suas raízes também, pois eles importavam para Manaus sabores e gostos da culinária libanesa.

2 COMANDANTE LOURENÇO

Narrado em primeira pessoa, o romance de Sylvia Aranha apresenta um personagem simpático, simples e humilde (Lourenço), que ao decorrer da leitura nos identificamos com ele e já passamos a tê-lo como se fosse alguém da família.

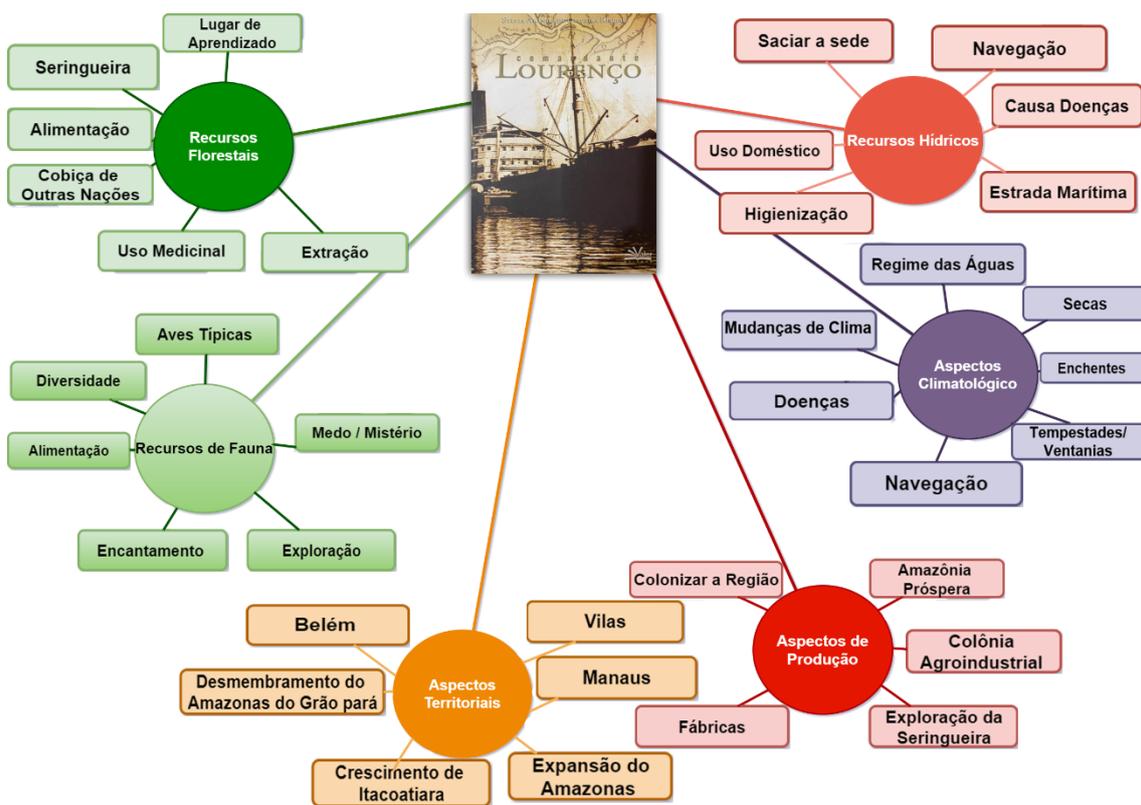
Sylvia Aranha constrói uma história de humanidade, em que o personagem que protagoniza a obra se destaca pela sua força e determinação no enfrentamento dos desafios que a vida lhe impõe. A narrativa tem como cenário o universo amazônico, os rios, a floresta e seus habitantes.

A história de Lourenço é uma cruzada pelas águas do Oceano Atlântico e pelos rios amazônicos, especialmente o Amazonas e o Negro. Ambientada no século XIX, a trama nos traz informações da Manaus e da Itacoatiara (Vila de Serpa) daquele período da história regional. Muito, além disso, nos remete para as paisagens, vidas e modos dos povos da floresta, além das doenças que eles padeciam.



A narração na Amazônia só tem início no romance a partir do capítulo 23 que é quando Lourenço chega à região vindo do Rio de Janeiro, capital do império. É uma narrativa apaixonante, humana e que nos conta muito de um passado não muito distante. As questões ambientais que Aranha traz são colocadas de forma exótica, já que o personagem fica irradiado e admirado com tanta beleza natural que encontra aqui. Ele enfrenta as doenças tropicais da região, especialmente a febre amarela.

Figura 2 - Mapa mental de Comandante Lourenço



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

2.1 Recursos Hídricos

A água nesse romance, de Sylvia Aranha, é um elemento fundamental, visto que a história de Lourenço se desenrola pela navegação sobre o oceano Atlântico e os rios amazônicos; o recurso hídrico aparece também nas chuvas constantes da região, que ora ocorrem de forma mais intensa, ora pela ausência dela em alguns momentos da narrativa, de modo particular quando chega ao período do verão amazônico, onde a descida dos rios dificulta a navegação. Ela é mais parceira que inimiga, é preciso conviver com o regime dela na região.





Ela é também causa de doenças para a população, já que os surtos de cólera que os ribeirinhos sofrem têm relação direta com a água contaminada pelos detritos fecais e pelas febres endêmicas que ocorrem no tempo das cheias e vazantes dos rios.

A água é um símbolo de mudança e resignação na história, é o “asfalto” da estrada marítima que o personagem percorre. Além de servir como estradas, a água aqui é usada nas atividades domésticas, na higienização das pessoas, para saciar a sede dos animais; é uma metáfora da transformação da vida do personagem, que ao vir para o Amazonas, tem sua vida modificada, e a água é uma simbologia dessa mutação.

2.2 Recursos florestais

A narrativa de Aranha se destina a descrever a floresta como um lugar de aprendizado, onde seus recursos são infinitos para curar as doenças, mas podem também trazer grandes angústias, visto que ela é uma caixa de surpresas. A floresta é linda, porém carregada de mistérios.

A seringueira é o recurso florestal mais explorado, pois o seu leite é sinal de progresso para o Amazonas; esta árvore estava no início da sua exploração na região, e já despertava a cobiça de outras nações; outras árvores de valor medicinal ainda não chamava tanta atenção, porque estavam apenas disseminadas na sabedoria popular cabocla; a medicina convencional não a reconhecia.

As árvores frutíferas e as variedades de frutas são outros recursos que a floresta guarda, e elas ajudavam na alimentação regional dos povos que habitavam essa região do Brasil. São várias frutas que a autora menciona no decorrer da narrativa, sabores diferentes e gostos que ainda seriam descobertos pelos que viriam no futuro residir neste pedaço do solo brasileiro.

2.3 Recursos de fauna

A fauna amazônica é representada na obra de Aranha pelas aves típicas da região, o canto que elas emitem, suas plumagens e beleza se destacam entre os outros animais; também o narrador fala da diversidade de peixes, mamíferos e répteis que a planície amazônica tem, sendo o peixe o alimento principal dos ribeirinhos.

O peixe-boi ganha destaque na culinária regional com a mexira e a manteiga extraída de sua gordura. A diversidade de mamíferos é mencionada ao longo do enredo, mas não de forma linear, e sim esporadicamente quando ocorre algum evento que possa os envolver.





Outros animais silvestres também são utilizados para alimentação dos ribeirinhos, entre eles: queixada, veado, tartarugas, jabutis e outros tipos de animais. Eles são a base da alimentação, da economia local e fazem parte do convívio dos povos das florestas, visto que os animais silvestres circulam nos lugares que os humanos vivem.

2.4 Aspectos climatológicos

O clima na região é amplamente descrito na obra, devido às condições de navegação impostas pelo regime das águas; Lourenço narra as dificuldades de se navegar em meio a temporais que do nada surgem e deixam os rios mais ferozes. O ciclo das águas é também um imperativo na propagação de doenças, tais como: febres selvagens, cólera, diarreias que levam à morte; porém, são nesses períodos de cheias e vazantes que se enxerga a beleza da grande floresta intacta; suas praias, lagos, igarapés, rios; é nele que os exóticos pássaros e animais terrestres e aquáticos se exibem.

2.5 Aspectos territoriais

A questão territorial não é muito evidente neste romance de Aranha; por se tratar de uma trama de época em que o foco é a história de um rapaz que se torna comandante de um vapor que navegava pelas águas da Amazônia. O romance não procura estabelecer um elo territorial seja de conflitos por terras, seja de expansão de território, visto que a ambientação do romance no século XIX, onde o Amazonas é uma recente província desmembrada da província do Grão-Pará.

A história mostra também a transformação de Manaus, de Vila de São José da Barra do Rio Negro a capital da província do Amazonas. Essa transformação faz dela a cidade mais próspera da região amazônica. O que se pode notar em relação à questão territorial é o crescimento de Itacoatiara como vila, em que o centro dos acontecimentos da narração estava atrelado à Vila de Serpa.

2.6 Aspectos de Produção

A produção amazonense em meados do século XIX ainda era baseada na extração do látex, isto é, na exploração da seringueira que como o narrador diz estava iniciando sua base econômica, porém bastante promissora, especialmente, no alto Purus e Juruá, lugares em que a seringueira era bem explorada.





Além disso, tinha a mexira de peixe-boi, que era bastante apreciada em Belém, a exportação do tabaco, da piaçava e redes de maqueira. O narrador cita um empreendimento do Barão de Mauá na região amazônica, Colônia Agroindustrial que ficava em Itacoatiara, era um plano do Governo Imperial para colonizar a região.

Esse empreendimento era composto de uma serraria e uma olaria movidas a vapor; fábrica de aguardente entre outros produtos que começava a ser industrializado em Belém, depois em Manaus, capital da nova província, e nas cidades mais prósperas da Amazônia, entre elas Itacoatiara. Essa Colônia Agroindustrial foi a precursora da industrialização no Amazonas, o que fez de Manaus mais de um século depois o centro industrial da região norte do Brasil.

3 FILHOS DA VÁRZEA

Filhos da Várzea é um livro de poemas, de Aníbal Beça, poeta amazonense, que retrata na primeira parte do livro a vida simples, humilde e sofrido do povo ribeirinho, do povo das várzeas; numa linguagem simples, o poeta transmite uma mensagem de esperança a quem vive nos beiradões, nas várzeas, dos rios amazônicos.

Publicada originalmente em 1984, e reeditada após 18 anos pela editora Valer, *Filhos da Várzea* se apresenta como uma obra de linguagem rebuscada e inventiva. É rebuscada por conta da busca pela perfeição e inventiva pela forma como são descritos os cenários. O místico, o tempo e o homem se entrelaçam com temáticas urbanas e da vida do caboclo amazônico. O livro é composto por 63 poemas, entre sonetos e haicais, sendo quarenta deles ilustrados pelo artista amazonense Van Pereira que, com sensibilidade poética, materializa as imagens evocadas pelo texto verbal.

Na segunda parte, o poeta problematiza o tempo e reflete como os povos das várzeas estão ligados a ele, porém desassistidos de saúde, educação, moradia digna pelos poderes públicos.

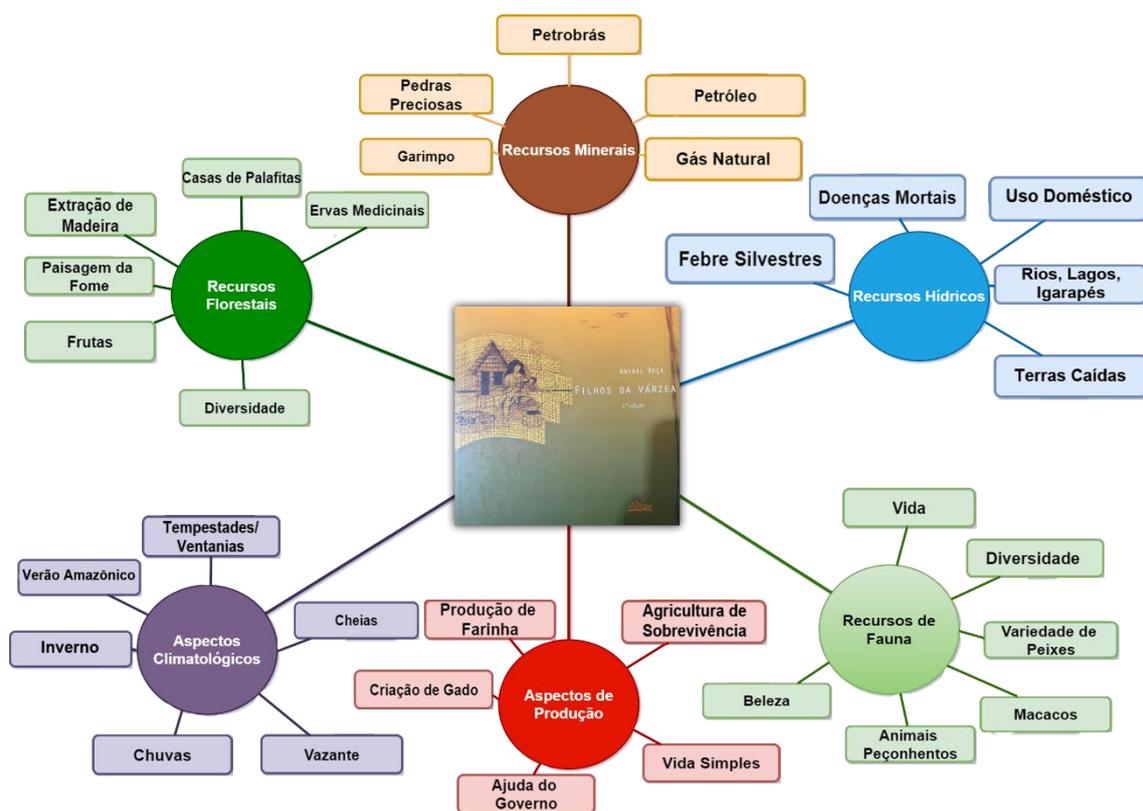
E a terceira parte do livro é dedicada a fazer homenagens a poetas ilustres da literatura regional e nacional; como também a nomes menos desconhecidos de nosso cânone literário. Além de homenagear alguns de seus familiares; esta terceira parte não foi inclusa na análise dos aspectos ambientais.

Anotações:

-
-
-
- -
 -



Figura 3 - Mapa mental de Filhos da Várzea



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

3.1 Recursos hídricos

A água é o recurso muito utilizado pelo poeta Aníbal, já que os poemas são sobre homens e mulheres que vivem nas várzeas ao longo dos rios. Aqui a água tem papel de condutora da vida, aquela que renova, mata, traz esperanças e desgraças.

As águas são vivas, turvas, brancas; são rios, lagos e igarapés; são chuvas de verão, de inverno; são olhos-d'água; é mistura para a comida (chibé); é fonte de vida.

Ela também representa o fenômeno das terras caídas e isola vida em pequenas ilhas. A água também traz doenças mortais para os ribeirinhos mais distantes dos grandes centros urbanos, tais como malária, cólera e febres silvestres.

3.2 Recursos florestais

Os poemas da primeira parte, de maneira implícita, citam os recursos que a floresta oferece ao homem da várzea; madeira para construir as casas, as palhas das palmeiras para cobri-las, que numa casa de palafita no meio do ermo é a paisagem da fome. Além da madeira, a floresta oferece ervas medicinais, frutas, óleos e bebidas que só existem na região amazônica tais como: açaí, patauá, taperebá, entre outros.



3.3 Recursos de minerais

O poeta faz menção a Petrobrás, que implicitamente lembra-se dos recursos minerais da região, em especial o petróleo e o gás natural que são explorados em alguns lugares do Amazonas.

3.4 Recursos de fauna

A diversidade da fauna amazônica está representada nos poemas pelos variados tipos de peixes que os rios e lagos da região oferecem como alimentos para o homem amazônico, entre eles: tucunarés, acarás, branquinhas; além de mencionar cobras sem especificar e acaris, macacos endêmicos da região amazônica.

3.5 Aspectos climatológicos

O clima amazônico é um tema corrente nos poemas de Beça, visto que segundo ele o rio comanda a vida nas várzeas, pois o homem que as habita vive de acordo com o rio, na cheia faz marombas para proteger a criação (gado, galinhas, porcos); na vazante aproveita para plantar mandioca, macaxeira, batatas, jerimuns, cheiro-verde e outras hortaliças que duram até a próxima cheia.

3.6 Aspectos de Produção

O poeta demonstra que o ribeirinho vive de forma simples e sorte do regime das águas, mas este ser produz uma agricultura de sobrevivência que quando sobre vai a cidade e vende o excedente. Essa agricultura está baseada na produção da farinha de mandioca, no plantio de milho, legumes e hortaliças; ele também cria o gado para o leite, galinhas e porcos para comer, quando as condições do lugar lhe são propícias; quando não lhe são favoráveis, o homem das várzeas fica à espera da ajuda do governo e que nem sempre chega.

4 AMAZONAS, PÁTRIA DA ÁGUA

Amazonas, pátria da água é um livro mágico e um manifesto em defesa da natureza e da Amazônia. Editado pela primeira vez em 2007, o poeta, Thiago de Mello, testemunha seu compromisso com a preservação desse imenso mundo verde e líquido.

A obra busca despertar no homem sentimentos de coragem e determinação para proteger a Amazônia, bem como tirá-lo do estado silencioso e apático em que se encontra. Mexe com os povos das florestas; toca nas feridas abertas no meio da floresta





pelos motosserras e tenta despertar em cada amazônida o sentimento de amor pelo chão que nascemos ou que escolhemos para viver.

Se a Amazônia é a pátria da água – e é mesmo -, o poeta Thiago de Mello destaca-se como um de seus mais ilustres patriotas. Nascido à beira do rio, crescido no cheiro da mata, Thiago de Mello vem, há quase meio século, cantando a vida e a liberdade e combatendo, como um bravo, em todas as batalhas pela proteção da natureza e contra tudo que ameaça e fere a nobreza da condição humana. Este livro é um navio, ou melhor, é um daqueles barcos que sobem e descem o imenso labirinto fluvial da bacia Amazônica. Pois aqui tens, a ventura de fazer uma viagem inesquecível. No fim da viagem, a que a leitura deste livro nos conduz enriquecida pelo esplêndido olho do fotógrafo Luiz Cláudio Marigo, vamos descobrir, que o personagem desta aventura não é apenas a floresta, mas certamente o mais belo fruto do seu chão: o homem amazônico, cujo convívio com a natureza é tão harmonioso que eles parecem nascidos um para o outro.

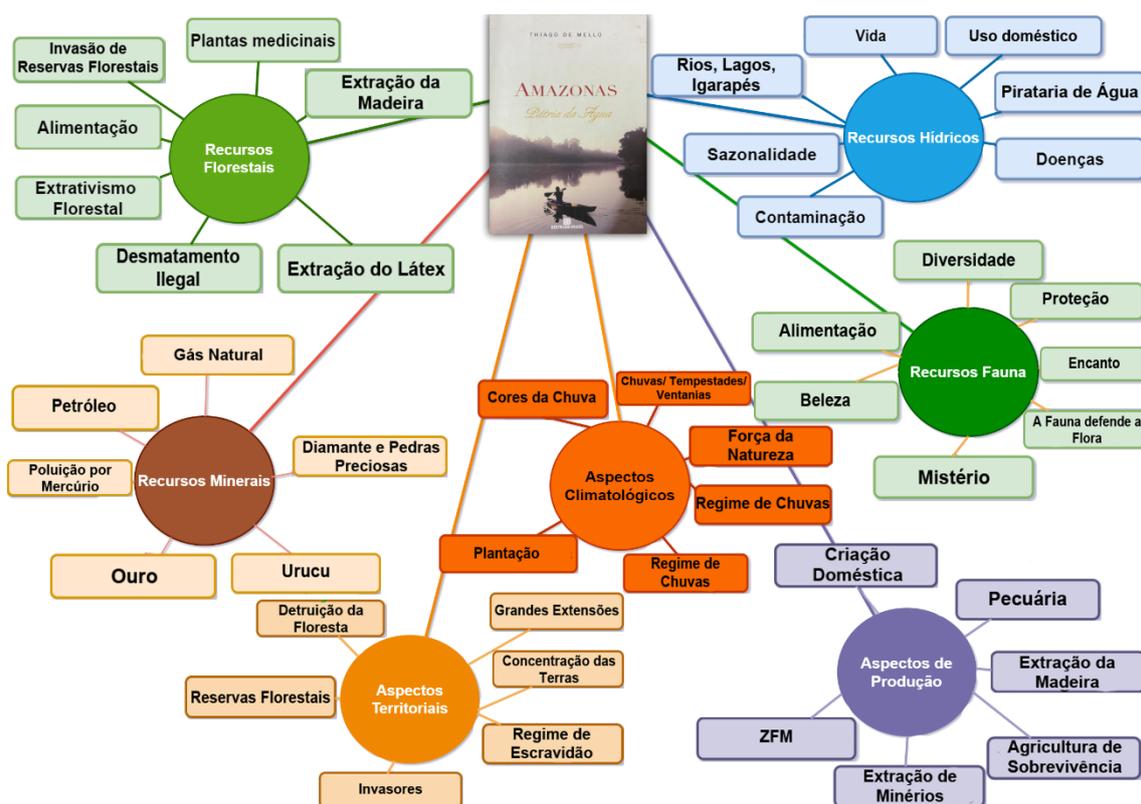
A luta de Mello é para defender as matas, suas plantas, seus seres encantados, os pássaros, as águas e os animais. Mello nos leva a sonhar com dias melhores para a Amazônia, onde os sons dos motosserras não sejam mais ouvidos, e sim o canto do Uirapuru que traz esperanças para quem o ouve. A bondade, a solidariedade, a fé e a utopia são os faróis que poeta põe em sua obra para nos guiar na travessia da vida, cheia de tantos riscos e incerteza, mas que pode nos salvar e salvar a Amazônia dos tiranos e dos desgovernos, e não deixar que a boiada vá passando.

Na última parte da obra, Thiago de Mello relata uma viagem que fizera ao baixo Amazonas, especialmente aos rios da cidade de Barreirinha. Esse itinerário e a metáfora de sua vida e da existência de sua obra, pois são testemunhas vívidas do seu compromisso com o ser humano e a Amazônia. Barreirinha é o berço que o recebeu neste mundo de sofrimentos; ele percebeu que é preciso defender igualmente as florestas, suas plantas, seus animais, seus seres encantados; os pássaros e as águas.

Anotações:



Figura 4 - Mapa mental de Amazonas, pátria da água.



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

4.1 Recursos hídricos

Nesta obra de Thiago de Mello, a água ocupa lugar privilegiado, começando pelo título que enaltece o Amazonas como a pátria da água. Os recursos hídricos são amplamente trabalhados pelo poeta. Água aparece logo no início quando se menciona a fundação da pátria da água, isto é, o rio Amazonas que nasce na Cordilheira dos Andes.

Cita as águas subterrâneas que são abundantes na região; pois há dois rios Amazonas, um que corre pelo leito e outro que corre no subterrâneo da planície amazônica.

O poeta revela que as águas na região são tão abundantes que existe uma malha terciária, onde o Amazonas é a grande espinha dorsal e os vários rios, igarapés, lagos e córregos correm em direção a essa espinha.

Também ele nos diz que esse recurso hídrico é tão pujante que já está sendo cobiçado por outras nações a ponto de virem navios buscar água do Solimões para levar a outros países. Mas também a água sofre com a contaminação e causa doenças nos povos das águas, o ribeirinho, o morador das casas flutuantes, das casas de palafitas.





Segundo Mello, tudo na Amazônia depende da água e o rio comanda a vida na região, visto que o homem amazônico está atrelado ao ciclo hidrológico; isto é, ao regime de cheias e vazantes.

A água é fascinante e ela lava a alma numa chuva torrencial ou numa chuva calma e branca. O poeta admira tanto esse recurso que chega a classificar os tipos de chuvas a partir das cores que elas emanam na sua formação em nuvens e depois ao caírem na terra, nas florestas e nos rios.

4.2 Recursos Florestais

Os recursos florestais são muitos que Thiago de Mello menciona: a extração do látex a partir da seringueira que no passado fora à base da economia local; a extração da madeira para fins comerciais, às vezes de forma ilícita, aqui ele faz críticas aos órgãos federal e estadual de fiscalização que fecham os olhos para o desmatamento ilegal através da extração da madeira, em alguns lugares até de reservas florestais e indígenas.

A floresta é repleta de recurso, plantas medicinais, cascas de árvores que curam: andiroba, copaíba, mungubeira, curare, quina, ajirum, unha-de-gato, sacaca, jutaí entre outras inúmeras plantas que curam as várias enfermidades do povo da floresta.

Além disso, o cacau, a castanha-do-pará, o cupuaçu, a graviola, o tucumã, a pupunha, o açaí, a bacaba, são frutas que matam a fome e ajudam na economia local. O poder das raízes que a floresta oferece como alternativa para medicina convencional, mas que também alimenta.

4.3 Recursos minerais

Nesta obra de Thiago de Mello, os recursos minerais mencionados são bem diversificados: exploração de petróleo e gás natural em Urucum, extração de ouro de forma clandestina no meio da floresta que leva a poluição dos rios pelo mercúrio utilizado; extração de bauxita, cassiterita, diamante e outras pedras preciosas que têm sido motivo de ganância e exploração.

O poeta denuncia a contaminação das águas pelo mercúrio, o que tem ocasionado a morte de peixes da região e doenças nos povos da floresta. Essa contaminação é fruto da exploração indiscriminada dos recursos minerais, especialmente do ouro, e tem aberta enormes clareiras na selva amazônica. Mello cobra das autoridades providências para conter esse tipo de crime e devastação nas reservas





minerais do Amazonas, mas ele diz que elas são coniventes com essa situação, já que eles ganham com isso.

4.4 Recursos de fauna

A fauna amazônica está representada, nesta obra de Mello, pelos mais diversos animais terrestres, aéreos e aquáticos que habitam a região: onças, veados, macacos, porco-espinho, tucunaré, pirarucu, cobras (de todo tipo), tartarugas, tracajás, tucanos, araras, uirapuru, ariranha, galo-da-serra, jacaré.

O poeta diz que a fauna defende a flora e se defende; que a floresta tem muitos recursos de fauna, uma variedade de pássaros, mamíferos, peixes, répteis, fungos, mosquitos, besouros e seres invisíveis que no mistério da floresta a protege contra os invasores. Os seres encantados da floresta também fazem parte de caldeirão de diversidade que é selva. É a selva o lugar onde tudo acontece e todos os seres visíveis e invisíveis comungam do mesmo espaço.

4.5 Aspectos climatológicos

A questão climática na região é um dos pontos que o poeta discute na obra *Amazonas, pátria da água*. Ele classifica a chuva conforme as cores que ela apresenta na sua formação: chuvas torrenciais/temporais são pretas, negrume; a chuva que chega e ninguém sabe de onde veio é a chuva branca, que não cai, mas despenca; a chuva roxa é terrível e cai solene e lentamente, pode ser de manhã cedo, ao meio-dia, ela pode passar o dia todo. A civilização da água respeita e teme as forças do temporal, da tempestade, da natureza.

Esse povo temeroso vive conforme a questão climática da região; pois quando os rios estão inundados e as casas alagadas, ele faz maromba, salva a criação e algumas verduras e vive nesse tipo de salvaguarda até as águas baixarem.

No verão o povo da pátria da água planta, cria e estoca alimentos para o próximo inverno, que pode ser rigoroso ou não. Somente a sabedoria de quem vive nesse regime pode dizer, pois o aventureiro, o forasteiro não tem essa sabedoria, já que ela não é ensinada nas escolas tradicionais, mas na escola da vida, da floresta e dos rios.

O poeta diz que sol e chuva são fundamentais para a sobrevivência desse povo, sem o astro-rei e as chuvas não sobreviveríamos muito tempo, nem vida teríamos. Mais uma vez faz um alerta para a devastação da indiscriminada da floresta, porque ela está descontrolando o clima na região amazônica, e nos levando ao caos.



4.6 Aspectos territoriais

As questões territoriais são uma constante nesse livro, visto que o poeta em muitas passagens denuncia a concentração de terras nas mãos de poucos afortunados; lembra dos donos de seringais que mantinham grandes extensões de terras e explorava (extração da borracha) os habitantes daquela demarcação territorial com mão-de-ferro, às vezes em um verdadeiro regime de escravidão.

Fala que desse tipo de exploração, fez Manaus ser conhecida como a cidade mais próspera do Brasil no final do século XIX e início do século XX. Ele também diz que os órgãos de governo fecham os olhos para essas questões territoriais e quando os abre é para proteger os invasores, geralmente grandes empresários ou conglomerados multinacionais que se apossam de terras e expulsando aquele que sempre trabalhou nela.

Outro ponto é a expansão e ocupação desordenada de Manaus, especialmente a partir dos anos 70 com os incentivos do governo militar para “colonizar” a Amazônia. Manaus cresce desordenada, sem planejamento, poluindo suas águas, destruindo a floresta e criando grandes bolsões de pobreza na cidade.

4.7 Aspectos de produção

O poeta demonstra que o ribeirinho vive de forma simples e a sorte do regime das águas, mas este ser produz uma agricultura de sobrevivência que quando sobre vai à cidade e vende o excedente. Essa agricultura está baseada na produção da farinha de mandioca, no plantio de milho, legumes e hortaliças; ele também cria o gado para o leite, galinhas e porcos para comer, quando as condições do lugar lhe são propícias; quando não lhe são favoráveis, o homem das várzeas fica à espera da ajuda do governo que nem sempre chega.

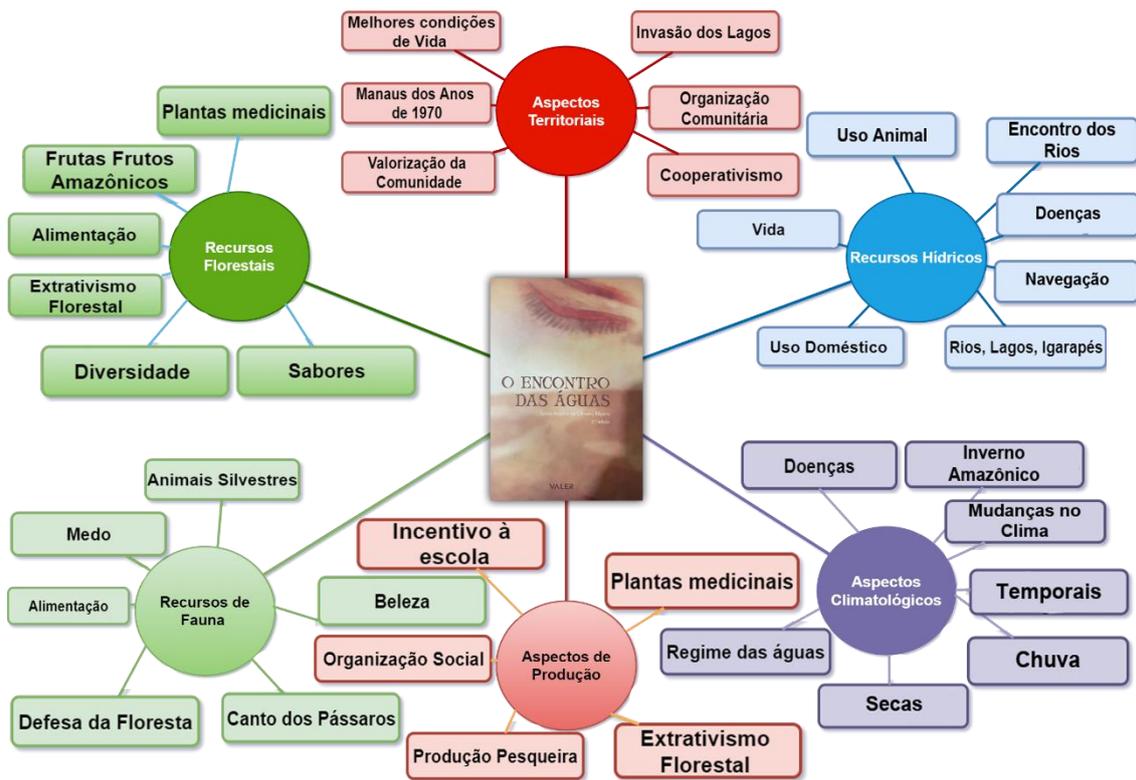
Ele narra a grande explosão de desenvolvimento que Manaus sofre com a implantação da Zona Franca a partir da década de 1970, porém com essa explosão veio os problemas ambientais e sociais: devastação de grandes áreas verdes da cidade, aumento da pobreza e a concentração da terra nas mãos de poucos.

5 ENCONTRO DAS ÁGUAS

O Encontro das Águas é um romance de Sylvia Aranha, o enredo vai desvelando a mistura de valores, culturas e tradições do povo amazonense. É pela metáfora do encontro entre os rios Solimões e Negro, que a autora constrói o enredo. Os dois rios vão, metaforicamente, se abraçando, misturando-se, se encontrando ao longo



Figura 5 - Mapa mental de O Encontro das águas.



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

5.1 Recursos hídricos

A água ocupa espaço privilegiado nesta obra de Sílvia Aranha, visto que ela inicia relatando que Dileta Moara olha o rio; o rio estava distante, era seca; que a chuva forte de verão trouxera lembranças de uma noite fria. A água está nas ações da personagem principal. Ela mora numa comunidade ribeirinha do município de Itacoatiara e para se deslocar até a cidade, é preciso navegar pelo rio Amazonas.

O rio Solimões, os igarapés da região, as chuvas que caem ao longo das ações da personagem são marcadas do recurso hídrico ao longo do enredo. Os banhos das crianças na beira do rio ou de um igarapé revela a vida simples e desprovida dos personagens.

Os temporais de verão, as lágrimas dos encontros e partidas dos personagens; os afazeres domésticos; água para lavar os pés antes de subir na casa, água para beber, preparar alimentos; a morte de Lauro no igarapé são demonstração de como esse elemento da natureza faz parte da vivência amazonense.

Nas decisões mais difíceis da vida dos personagens a água se faz presente em forma de chuva, isto revela que ela é um elemento divisor na vida do povo amazônico. Um tema que a autora explora na temática sobre os recursos hídricos é a preservação





dos lagos, pois a partir da chegada de Lauro na comunidade, um forasteiro, que fugia da perseguição da ditadura militar a suas ações no sul e sudeste do Brasil.

Os peixes começam a desaparecer dos lagos da região, e isto chama atenção da comunidade ribeirinha, neste sentido a todo um movimento popular para preservar os lagos e expulsar os “invasores” que pescam ilegalmente.

5.2 Recursos florestais

Os recursos florestais são os mais diversos que a autora apresenta ao longo de sua trama: as plantas medicinais que ajudavam a curar as mais variadas doenças da região, desde “vento caído”, mal-de-sete-dias até febres ferozes como malária e febre amarela; garrafadas, pós e pomadas todos feitos com base dos recursos medicinais da floresta.

A diversidade de frutas e frutos amazônicos são citados pela autora, visto que as personagens comem mangas, tucumãs, castanhas, cacau, cupuaçu, graviola, pupunha, açaí, bacaba, todas frutas que matam a fome e ajudam na economia local, já que são comercializadas na cidade de Itacoatiara e às vezes até em Manaus, quando a produção era um pouco maior. O poder das raízes que a floresta oferece como alternativa para medicina convencional, mas que também alimenta são cará, macaxeira, entre outros.

5.3 Recursos de fauna

A fauna amazonense está representada na obra de Sylvia Aranha pelos mais diversos animais terrestres, aéreos e aquáticos que habitam a região: macacos, porco-espinho, veados, onças, jacus, cobras tartarugas, tracajás, papagaios, periquitos, jacuararu, araras, aririnha, galo-da-serra, jacaré, maracanã.

Os personagens, por morarem, parte deles na zona rural, na várzea, vivem cercados de animais silvestres e domésticos, que faz da fauna uma defesa da floresta e de seus recursos contra os invasores. As aves são as que mais chamam atenção da autora; ela fala do canto das aves e da beleza de suas plumagens e como elas são reflexos da beleza da floresta.

5.4 Aspectos climatológicos

A questão climática na região é um dos pontos que Aranha traz na sua obra. A chuva é uma grande protagonista nesse enredo, visto que as ações começam nas





primeiras páginas a partir de uma chuva; ela se apresenta na despedida da personagem Dileta Moara de sua comunidade ribeirinha; está presente em todos os momentos da vida daqueles homens e mulheres ao longo de sua jornada para tornar sua comunidade próspera e ambientalmente saudável.

O regime das águas, isto é, as estações do ano são definidas pelo período de vazante e cheia dos rios; tudo fica inundado e algumas árvores da floresta morrem nesse período de cheia, que voltam a ressurgir na seca.

Trovões, relâmpagos, ventanias, tempestades, águas ferozes, sol ardente, secas são sintomas do verão amazônico e deixam os igarapés rasos o que torna possível andar a pé, são os fenômenos climatológicos citados ao longo da trama.

O Encontro das Águas é o fenômeno natural que a Sylvia Aranha faz uma metáfora da vida dos personagens, especialmente de Dileta Moara que muda de vida ao longo do enredo. Esse encontro é também a metáfora da transformação da comunidade ribeirinha de exploradora dos recursos da natureza para protetora desses recursos. As questões climatológicas são abordadas a cada instante por Sylvia Aranha, já que tudo na vida tem influência da natureza na vida dos ribeirinhos.

5.5 Aspectos territoriais

As questões territoriais são representadas na obra pela invasão dos lagos da região da comunidade onde se desenrola boa parte do enredo; os ribeirinhos se organizam em associação para preservar os lagos, porém pescadores vindo da cidade de Manaus e Itacoatiara invadem constantemente os lagos afim de pescar os últimos recursos pesqueiros; e deixando os comunitários sem alimentos e sem renda; em uma decisão inédita eles resolvem tomar as providências, expulsando os invasores com terçados e outros utensílios, causando uma “guerra” para poder preservar os lagos e, posteriormente, terem como se alimentar e melhorar sua renda. Numa espécie de cooperativa, liderada pela irmã de Moara, a comunidade se organiza e busca em meio as diversidades encontradas dentro da própria comunidade resistir as investidas dos invasores e melhorar as condições de vida dos habitantes.

5.6 Recursos de produção

O aspecto de produção mais constante neste livro de Sylvia Aranha está relacionado à produção pesqueira, visto que os moradores vivem da pesca, mas também





da extração de alguns produtos da floresta entre eles: a castanha, as ervas medicinais, a copaíba, a andiroba.

Esse aspecto mostra também a educação e nisto a luta de Dileta Moara para estudar, chegando a se formar em pedagogia, curso que ela fica extremamente extasiada, já que é a primeira pessoa de sua comunidade rural a concluir o ensino secundário e fazer um curso superior; isso mostra a força da educação, sendo que após esses estudos, Moara foi uma das incentivadoras da implantação de escola na comunidade.

6 CORONEL DE BARRANCO

Coronel de Barranco é uma narrativa em 23 capítulos, onde as águas do rio da memória, tão caudalosas quanto as águas dos rios amazônicos, trazem a narrativa do ciclo econômico do período áureo da borracha. Baseada no tripé tapiri-barracão-casa aviadora o narrador-personagem, Matias Albuquerque, relata a saída das sementes de seringueiras para outros países, especialmente do Ásia; mostra-nos ainda um panorama dos principais acontecimentos do mundo e o ápice do ciclo econômico da borracha em Manaus.

A leitura de *Coronel de Barranco* é como abrir um álbum para o qual se é transportado a cada imagem que surge tamanha a precisão na descrição das cenas e personagens, sem cair no rigorismo da técnica e sem negligenciar o olhar poético. O romance, nas palavras acertadas de Mário da Silva Brito, é um documento que reconstitui e dissecar por meio de trama densa e estruturada, meio século do passado amazônico.

Cláudio de Araújo Lima publicou *Coronel de Barranco* em 1970. Nascido em 1908, em Manaus, Araújo Lima era além de exímio romancista, tradutor e ensaísta, médico psiquiatra. Seu pai, J. F. Araújo Lima, havia sido também um importante homem de letras no Amazonas, sendo ainda médico, sociólogo e prefeito de Manaus. Em 1924, ao envolver-se na revolta contra Bernardes, Cláudio de Araújo Lima foi preso e deportado para o Acre, onde permaneceu homiziado em um seringal do Alto-Purus. Com as experiências em que conheceu, objetivamente, o problema da forma da exploração da borracha, juntamente com suas reminiscências no Amazonas e das histórias contadas por seu pai, Araújo Lima faz de *Coronel de Barranco* uma obra singular.





Dentre os acontecimentos citados ao longo da narrativa estão a fabricação dos primeiros pneus em 1888, ano da libertação dos escravos no Brasil. O êxodo dos fugitivos da seca nordestina para o Amazonas; as plantas brotadas de sementes pirateadas por Wickham, em 1976, já sofriam em 1885 o primeiro corte; retrata a Manaus da *Belle Époque*, todo o fausto da “Paris dos Trópicos”.

O narrador-personagem sai dessa Manaus de glamour e euforia para ir trabalhar bem longínquo, no seringal “Fé-me-Deus”, nos confins do Acre, já na fronteira com a Bolívia; é nesse local a ocorre a maior parte do romance. Enquanto vive nesse pedaço esquecido do Brasil, a borracha chega ao ápice, ao declínio; ocorre a Primeira Guerra Mundial e a gripe espanhola.

Ao longo de 50 anos, entre 1876 e 1926, as memórias de Matias são como águas fluviantes, que rememora a vida do homem amazônico nos seringais; também é uma oportunidade de se pensar sobre o homem; a história local e a do mundo; e as interpretações que se consolidaram sobre o período histórico do Amazonas tinha na economia mundial.

A obra de Lima se compõe de três partes: I As sementes, II As árvores e III As cinzas. A primeira relata como as sementes foram usurpadas da Amazônia pelo inglês Wickham e levadas para Londres, onde em estufas brotaram e foram transplantadas para os seringais do Oriente. A segunda faz uma descrição do auge do ciclo da borracha, acentuando a figura do coronel Cipriano, Matias Albuquerque e a vida nos seringais. Na última, o autor se detém na descrição da crise da borracha, na decadência dos seringais e no efeito sobre os principais centros urbanos, além do desfecho final das personagens.

A personagem central é Matias Albuquerque que faz uma narrativa de reminiscências a começar em 1876 quando o inglês Henry A. Wickham chega à Amazônia com o pseudo-objetivo de realizar pesquisas. No momento, Matias estava com 18 anos, recém-saído da capital, onde estudou, em colégio interno, por sete anos, para morar com o tio (Amâncio) em um seringal, no Alto-Amazonas. Por ser o único que entende um pouco de inglês Matias é designado por seu tio a acompanhar o inglês Wickham, a quem acolhera em seu seringal. O inglês começa a reunir amostras de plantas, insetos, animais e sementes, dentre estas, as sementes de seringueiras, sem que ninguém entenda o porquê de sua fascinação por tudo aquilo.

Quando chega o Vapor Amazon, da empresa *Inman Line Steamship-Liverpool To Alto-Amazonas*, Wickham apressadamente reúne tudo o que retirou da floresta e armazena no vapor. Ali, escondidas e usurpadas por Wickham, estão mais de 70 mil





sementes de seringueiras, das quais mais de 7 mil irão brotar no Jardim Botânico de *Kew Garden* de Londres e depois serão enviadas para o plantio ordenado em Singapura e Malásia. Os anos de prosperidade e esbanjamento na Amazônia estariam contados. Matias parte juntamente com Wickham para Londres depois de uma tragédia ocorrido no seringal de seu tio.

Com a produção dos primeiros pneumáticos, em 1888, pelo engenheiro escocês John Boyd Dunlop, a Amazônia, sobretudo, Manaus e Belém, os dois centros principais da civilização da borracha, se deslumbravam ante o crescimento assombroso dos preços da borracha e gozavam progressos nunca imaginados numa época que entrou para a história como *belle époque*.

Enquanto os seringalistas, milionários a esbanjar fortunas em pensões de Manaus e Belém, a beber champanha e finos licores franceses, ou a comer caviar e latarias europeias em plena selva, os ingleses, pelas mãos do Dr. Trimem, diretor do Jardim Botânico de Parandenyva, em Malaca, no ano de 1885 realizava o primeiro corte das seringueiras.

Depois de quase 30 anos na Europa Matias retorna ao Brasil e deseja fazer uma nova experiência em algum seringal amazônico. Um amigo o apresenta a um seringalista do Acre, Coronel Cipriano Maria da Conceição, dono do seringal “Fé em Deus”, que havia ascendido de seringueiro a patrão. Araújo Lima se utiliza do Coronel Cipriano como uma síntese de todos os coronéis de barranco daquela época. Homens, na sua maioria, rudes, gananciosos, esbanjadores, autoritários, mas, no fundo, capazes ainda de atos de bondade. E assim, permite também uma descrição dos “desvalidos e tantas vezes beribéricos seringueiros, *mansos* ou *brabos*, impedidos de organizar famílias, proibidos de caçar, plantar e pescar, forçados a efetuar todos os seus suprimentos no armazém do patrão”, a preços exorbitantes, realizando aquilo que Euclides da Cunha um dia disse: “na Amazônia o homem trabalha para escravizar-se”.

Matias foi “cúmplice” sem saber de Wickham no roubo das sementes da seringueira. Ele conhecia os seringais do Oriente, e do iminente perigo que corria a borracha brasileira. E vivia comentando essa possibilidade para com o coronel Cipriano, que incrédulo, pilheriava dizendo que era besteira de gringo, pois a nossa borracha era a melhor e insuperável.

Quando chega o ano de 1914 a borracha produzida no Oriente supera a brasileira, espalhando desespero aos quatro cantos da Amazônia. É o início da decadência da borracha que coincidiu também com a deflagração da Primeira Grande



Guerra. A borracha brasileira perde valor e, drasticamente, a produção diminui, sendo que em 1916 a nossa produção não passava de 36 mil toneladas contra 150 mil da Oriental. O declínio do coronel Cipriano, preso e condenado por matar a ex-amante que havia fugido com o homem de confiança de seu seringal, serve como uma metáfora para resumir a própria crise da borracha.

Coronel de Barranco persiste como uma das páginas mais instigantes da literatura amazônica e que se preza como denúncia e advertência. Uma fotografia borrada pelas mãos esfaimadas do tempo, de um período de contrastes e confrontos, de coronéis e bordéis, um tempo em que dinheiro também se prestava a boas baforadas.

Figura 6 - Mapa mental de *Coronel de Barranco*.



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

6.1 Recursos hídricos

O romance inicia sua jornada trazendo a água nos seus primeiros capítulos. Ela é tipificada pelos rios e o emaranhado de veias que formam no rio Amazonas; visto que, na primeira página cita o rio Madeira com suas águas barrentas, o Negro e suas águas pretas e rio Tapajós para descrever a chegada de um estrangeiro no seringal *Tristeza*.





O recurso hídrico acompanhará toda a trama deste enredo, já que o personagem-narrador irá a Inglaterra de navio, voltando a Manaus pelo mesmo transporte e irá se “enfiar” no longínquo “Fé em Deus” também de navio-gaiola, onde ele passa mais mês para chegar a esse lugar.

A água também é representada pelas chuvas de inverno que caem constantemente na região, atrapalhando o corte da seringa. E pelas tempestades de verão que põem em risco a navegação e seus tripulantes, trazendo medos e pavores, já que eles navegam entre rios e florestas cercados de mistérios. Ela é o símbolo da memória do personagem nesta trama, já que ele lembra de sua vida como um rio que corre em direção ao mar.

6.2 Recursos florestais

O grande recurso florestal que Araújo Lima destaca é a extração do látex das seringueiras. Ela é o motor econômico da época, por ela é que Manaus, a Amazônia será inserida no mapa da economia brasileira e mundial. Fazendo de Manaus a capital mais próspera do final do império e início da República.

No entanto, outros recursos são mencionados durante o desenrolar da trama, as ervas medicinais, visto que os remédios dos ribeirinhos, especialmente os mais empobrecidos. As raízes que servem de alimentos: cará, macaxeira, batata; as frutas regionais: açáí, cupuaçu, bacuri, graviola, buriti, entre outras.

Além desses recursos mencionados, nas entrelinhas do texto, o narrador exalta a beleza da Floresta Amazônica e as possibilidades econômicas que ela oferece. As orquídeas e suas variedades são mencionadas, quando o Wickham começa colhendo-as para levá-las ao Jardim Botânico de Kew. Outras plantas e flores silvestres são levadas junto com as sementes de seringueiras, caracterizando o tráfico dos recursos florestais da Amazônia. O falso-objetivo do pesquisador levou da Amazônia, especialmente do Amazonas, centenas de exemplares da flora amazônica, mas também exemplares de animais, de modo particular dos pássaros.

6.3 Recursos de fauna

Os recursos de fauna estão representados nesta obra de Araújo Lima a partir da diversidade de animais silvestres que povoam a região: onças, jacus, jaburus, jacarés, queixadas, veados, tartarugas. Há uma diversidade de pássaros, peixes, répteis, insetos e mamíferos.





Este caldeirão faunático da Amazônia encanta os estrangeiros e assusta quem aqui chega e vem explorar a região, como também os brasileiros refugiados da seca nordestina, que chegam em busca de melhores dias na vida e fazer fortuna, visto que a ilusão de ficar rico com a exploração da seringueira, é implantada no recrutamento dos nordestinos para virem ao Amazonas. Todavia, esse recurso desperta a cobiça dos estrangeiros, e na pessoa de Wickham começa a ser contrabandeado.

6.4 Aspectos climatológicos

O clima é o grande desafio na região, já que ele é quem rege o andar dos acontecimentos, seja pela ausência de constante de chuvas, seja pelo excesso delas. Isto dita o ritmo da floresta; visto que os piuns, meruins e carapanãs são “pragas” que se proliferam no início do inverno amazônico e se prolongam no verão deixando o povo da floresta a sorte deles.

O regime de chuvas é crucial para desenvolvimento dos seringais, sendo que só era possível chegar até Manaus na época do inverno, quando os rios estavam cheios e a navegação era fácil. Também é nesse período que os mantimentos e outros itens de sobrevivência chegam aos seringais e às localidades mais distantes da Amazônia. É durante essa época que a extração do látex fica mais prejudica, pois chove muito e os homens passam mais tempo em suas casas do que nas estradas de seringueiras.

A seca é o momento de cortar a seringueira, de recolher o látex e trabalhar duro; acordar às quatro da manhã e só parar às seis da tarde. É o momento de recompensar os meses parados devido ao inverno. Nesse período o homem amazônico, o extrator do látex, trabalha feito um condenado para enriquecer o patrão, o *Coronel de Barranco*.

6.5 Aspectos territoriais

As questões territoriais mais constantes são demonstradas, na obra de Araújo Lima, no aspecto de apossamento das terras devolutas, isto é, o intitulado “*Coronel de Barranco*”, demarca seus domínios territoriais que podiam ser maiores que muitos municípios hoje; essa demarcação não tinha fiscalização nenhuma por parte dos órgãos do Império, e posteriormente, da República.

As tensões territoriais criadas nessa época levaram aos grandes latifúndios de hoje, isto é, a maior parte das terras concentradas nas mãos de poucos. Os seringueiros não tinham direito a plantar, criar ou até mesmo se casar. Eles viviam apenas para fazer



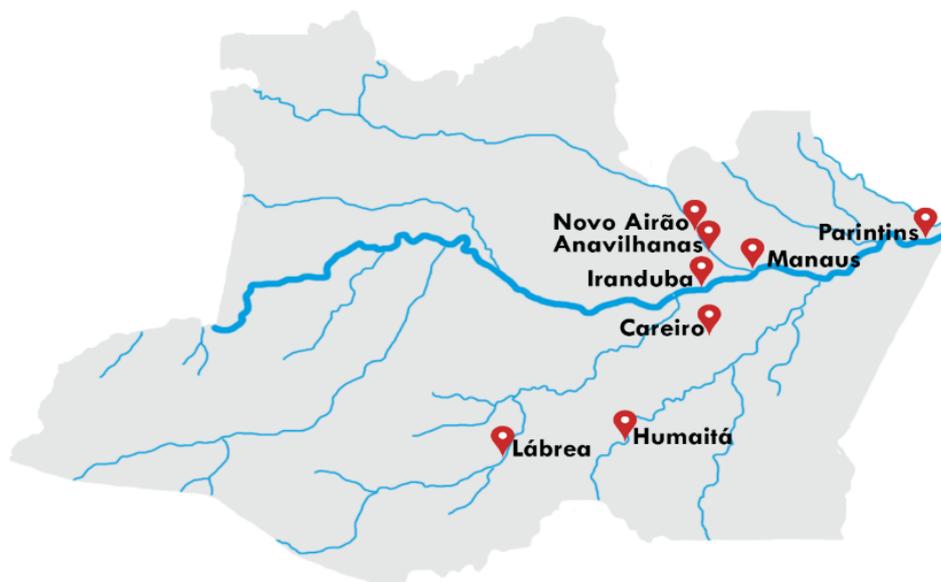
II PARTE – MAPAS DE GEOLOCALIZAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS ANALISADAS

7 DOIS IRMÃOS

A história dos gêmeos, Yaqub e Omar, tem Manaus como centro do desenvolvimento da trama, mas ela circula por inúmeros espaços geográficos: existem cenas que se passam no Líbano, quando Halim lembra da vida que levava lá antes de sua vinda ao Brasil; O Rio de Janeiro é mencionado no início do enredo, quando o filho mais novo, Yaqub, retorna ao Brasil, após longo período no Líbano; São Paulo é citada várias vezes, por ser o local onde Yaqub escolheu para morar após o seu retorno ao Brasil, já que ele não se acostumava mais em Manaus.

E o Amazonas, onde a trama se desenvolve tem um lugar privilegiado nesta obra. Manaus e seu entorno é o espaço escolhido para que o enredo tomasse corpo, lugares como: Iranduba, Careiro, Parintins, Lábrea, Humaitá, Novo Airão e Anavilhanas. Em meio a esse caldeirão de cidades, Manaus é descrita geograficamente os espaços urbanos que a história se desenrola, como a região portuária da cidade; o bairro Educandos, a igreja dos Remédios, os clubes, cabarés, entre outros espaços que o narrador-personagem centra sua narrativa. O centro de Manaus é amplamente explorado na narrativa; visto que boa parte das ações ocorrem em suas mediações.

Figura 7 - O Amazonas de Dois irmãos, de Milton Hatoum



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)





“[...] Saíamos de manhãzinha, contornávamos a ilha Marapatá, atravessávamos o paraná do Xiborena, até a ilha Marchantheria. Depois, já no Solimões, entrávamos no paraná do Careiro, navegando em arco até o Amazonas[...] Halim cismou em navegar no Madeira, quem sabe não estariam em Humaitá [...] De repente, mudava de ideia, extenuado: não, talvez em Itacoatiara, ou em alguma ilha perto de Parintins”. (Dois irmãos, p. 120-121).

[...] Uma dessas histórias que desciam os rios, vinham dos beiradões mais distantes e renasciam em Manaus, com forma de coisa veraz. Ele, filho do rio Purus, filho de Lábrea, onde os mutilados são muitos. (Dois irmãos, p. 124).

[...] Pescavam nos paranás desertos das Anavilhanas, armavam a malhadeira perto do barco, e, antes do amanhecer, recolhiam os peixes. (Dois irmãos, p. 127).

Em *Dois Irmãos*, de Hatoum, as cidades amazonenses são representadas como apoio a determinada cena ou história que Halim conta para Nael. As pessoas que habitam nelas não são mencionadas, com exceção das que residem em Manaus; pois o que importa é dizer que os personagens do núcleo familiar se deslocaram para algumas dessas cidades, especialmente na busca inconstante por Omar, quando este some pelo emaranhado de rios e igarapés dos arredores de Manaus.

Permita-me começar com um mapa que situa os lugares amazonenses que a trama de Hatoum se passa. Peço que gastem alguns momentos para examinar a figura do primeiro mapa, porque no final de contas isso que é cartografia literária: selecionamos um aspecto textual e fragmentos do texto – no caso, os lugares onde a trama se desenvolve, Manaus e seus arredores e passagens que relatam a viagem de Halim em busca do filho – encontramos dados, os colocamos no papel, e depois examinamos o mapa. Na esperança de que a construção visual seja mais do que a soma de suas partes: de que ela mostre uma forma, um padrão que possa acrescentar algo à informação que entrou na feitura do texto.

Temos no mapa acima o Amazonas, os locais que Hatoum escolheu para mencionar em *Dois Irmãos*; ele poderia ter escolhido outros lugares? Talvez sim, talvez não, isso somente o autor poderia nos dizer; mas ao analisarmos o mapa e cruzarmos com a história que ele narra, observamos que Hatoum queria deixar os acontecimentos centrados em Manaus, porém não se descuidou de espalhar algumas histórias pelo labirinto de rios que é a geografia do Amazonas.

Este primeiro exemplo nos remota a pensar que a cartografia literária pode nos dizer; imediatamente, duas coisas: o que poderia estar em um romance, e o que



realmente está ali. De um lado, a Manaus em processo de industrialização da época que Hatoum situa seu romance; de outro, o conglomerado de municípios que forma o Amazonas de Milton Hatoum, que não é muito diferente do Amazonas geográfico real.

As pessoas que circulam nos espaços de Dois Irmãos pertencem a realidades diferentes e a mundos diferentes. Na figura 7, os nomes das cidades representam as origens do povo amazonense, isto é, um povo de ascendência indígena, caboclo, miscigenado. Esse povo nasce nessas pequenas cidades, o desejo de vir para Manaus em busca uma vida mais confortável, é algo constante na fala do povo amazonense, e que Halim expressa ao contar uma história de um habitante de Lábrea que nutria esse sonho. Sonho de se curar e viver melhor em Manaus.

Figura 8 - O Brasil de Dois Irmãos, de Hatoum



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)



Quando Yaqub chegou do Líbano, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro. [...] Ele avistou o filho no portaló do navio que acabara de chegar de Marselha. [...] Saíram da praça Mauá abraçados e foram até a Cinelândia. O filho falou da viagem e o pai lamentou a penúria em Manaus. (Dois irmãos, p. 11)

Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. Conversavam em volta da mesa sobre isso: os anos da guerra, dos acampamentos miseráveis nos subúrbios de Manaus, onde se amontoavam os ex-seringueiros. (Dois irmãos, p. 18)

Uma carta de Yaqub, pontual, chegava de São Paulo no fim de cada mês. Zana fazia da leitura um ritual, lia como quem lê um salmo ou uma surata; [...] De vez em quando, ao atravessar a praça da República, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca mais a mencionou. (Dois irmãos, p. 44)

Os seres humanos podem compreender diretamente a maior parte de seus *habitats*: podem abarcar seu vilarejo, ou comunidade rural, com um único olhar; o mesmo ocorre com a cidade; ou até mesmo o universo – um céu estrelado, afinal de contas, não é uma imagem ruim dele. A figura 8 mostra o Brasil de Dois Irmãos, as capitais dos estados brasileiros por onde a obra circula; Hatoum escolhe três capitais: Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus, esta última é o espaço onde o enredo se desenrola. A primeira é o cerne do início da trama, relata a chegada de Yaqub após um longo período no Líbano, uma espécie de exílio, visto que o leitor descobre o motivo de sua partida para a terra natal de seus pais, ao longo dos primeiros capítulos.

São Paulo é o lugar que Yaqub escolhe para morar, já que ele não se acostuma mais com ritmo de Manaus; na verdade isso é um tipo de desculpa que dá a sua família para não ter que conviver no mesmo espaço que seu irmão gêmeo, Omar (Caçula); o filho superprotegido da mãe, Zana. Mas há um outro motivo maior para o Yaqub não querer residir na cidade que nascera, motivo esse que o caro leitor só descobre durante o desenrolar do enredo.

Hatoum transita entre Manaus e São Paulo, entre os acontecimentos na capital amazonense e na paulista. Porém, os que se desenrolam em São Paulo são resquícios do que aconteceu em Manaus. Os desentendimentos entre os gêmeos, as desavenças e os dissabores que o “caçula” causa cada vez mais, só aumentam os rancores na família de Halim.



A coerção inesperada entre os irmãos é algo que nos remota as relações de poder, de domínio que existiam entre os estados brasileiros; isto é, estados mais prósperos subjugavam os menos afortunados; e no momento histórico que o enredo tem corpo, São Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas são os estados mais ricos da federação brasileira, já que o primeiro estava em pleno desenvolvimento industrial com centenas de fábricas sendo abertas; o segundo era o centro cultural do país, tinha sido a capital do Brasil desde a época do império, e o terceiro ainda vivia os resquícios da era áurea da extração do látex.

O Amazonas, o estado mais próspero da segunda metade do século XIX, construindo em Manaus os casarões com o que havia de melhor na arquitetura europeia, agora vivia o declínio da borracha, e o que consolava os antigos coronéis de barranco, eram as lembranças.

Figura 9 - A região metropolitana de Manaus em Dois Irmãos



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

Os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o Careiro, no outro lado do rio Negro, de onde voltavam com cestas cheias de frutas e peixes. (Dois irmãos, p. 14)

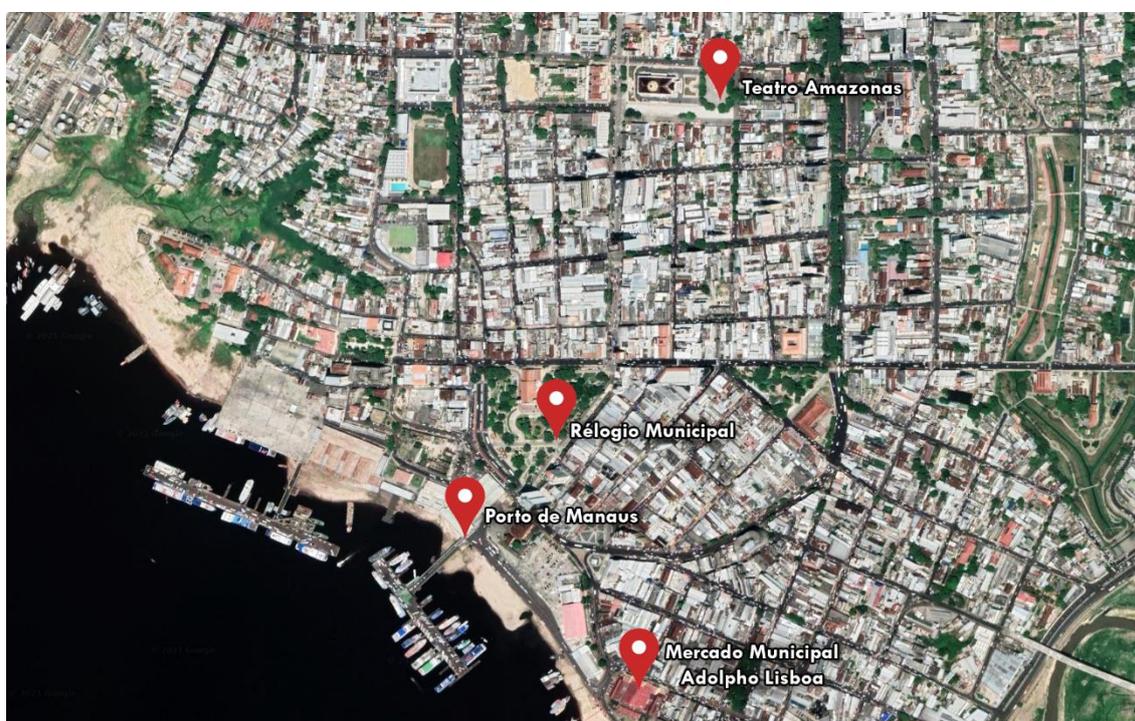
Ouvimos o trechinho de uma história que até Halim desconhecia: a de um casal de irmãos que morava num barco abandonado, escondido, encalhado para sempre, lá perto da boca do rio Preto da Eva. (Dois irmãos, p. 90)



No meio da madrugada, Omar e a mulher gemiam na rede que ondulava, como se estivessem numa praia deserta, numa das mil ilhas de Anavilhanas. (Dois irmãos, p. 131)

A história da família de Halim e Zana circula em Manaus, mas se alonga para as circunvizinhanças da capital amazonense; isso leva os personagens do núcleo familiar saírem para lugares mais distantes do centro da cidade. Os lugares que eles circulam estão mencionados, especialmente nas lembranças do tempo de infância dos gêmeos, e nas histórias que o pai conta de quando chegou a Manaus e se apaixonou por Zana.

Figura 10 - A região portuária de Manaus em Dois Irmãos



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

[...] rodando, os salões da Maloca dos Barés, do Acapulco, do Cheik Clube, do Shangri-lá. [...] Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. [...] (Dois irmãos, p.26 e 32)

[...] Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Quando chovia, os dois se escondiam nos barcos de bronze da praça São Sebastião, contava Domingas, depois iam ver os animais e peixes na praça das Acácias. (Dois irmãos, p.36)





O cais do pequeno porto da Escadaria estava um lamaçal só, tivemos que saltar na beira da praia e caminhar entre as tendas de lona e barracas derrubadas. [...] No meio da noite acordei com a voz de Domingas: se eu gostava de Yaqub, se eu me lembrava dele, do rosto. Não escutei mais nada. Às vezes cinco ela já estava pronta para ir ao Mercado Municipal. (Dois irmãos, p.51 e 58)

[...] Depois caminhava pelas praças do centro, ia passear pelos becos e ruelas do bairro de Aparecida e apreciar a travessia das canoas no porto da Catraia. O porto já estava animado àquela hora da manhã. Vendia-se tudo na beira do igarapé de São Raimundo. (Dois irmãos, p.60)

Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. (Dois irmãos, p.90)

Penso que não me via, olhava na minha direção e não me enxergava, ou me confundia com um passante qualquer, um dos muitos que rondam a zona portuária desde sempre, caminhando a esmo pelas calçadas ou pela beira do rio, parando numa taberna para tomar um trago ou comer jaraqui frito. (Dois irmãos, p. 99)

Halim antipatizou com ele assim, logo de cara, desde que o viu segredando com Zana, uma única vez, no quiosque de ferro do Mercado Adolpho Lisboa. (Dois irmãos, p.105)

Hatoum descreve com riquezas de detalhes a cidade de Manaus, especialmente a região portuária, onde o enredo se desenvolve. A casa da família de Halim fica nessa região, o estabelecimento comercial do libanês está localizado nessa parte da cidade. Nael, o narrador-personagem descreve os lugares que os membros do núcleo familiar frequentam, especialmente o Biblos, o clube que abriga todos aqueles de origem judia, faz desse espaço, uma espécie de irmandade.

Em Dois Irmãos, as praças têm um papel importante, pois por elas os personagens transitam, mas também se escondem da polícia quando os militares tomam o poder no Brasil e instauram seu regime ditatorial. São nelas que Omar, o Caçula, perambula, após sair de casa ou depois de uma noite de farras nos clubes noturnos da região central de Manaus.

Os Educandos, bairro anfíbio, é o bairro mais falado por Hatoum, já que ele está localizado nas mediações do centro manauara; com ele está a Cidade Flutuante, um enorme conglomerado habitacional que surgiu por volta de 1920 e que 1967 por ordem do governador da época foi destruído; esse fato histórico Hatoum menciona em Dois Irmãos, além dos tipos que residem nessa lugar: são os verdadeiros amazônidas,



habitantes da selva que necessitam viver ao lado, ou em cima das águas, ou as mazelas de uma sociedade que não evolui.

O centro histórico de Manaus é ricamente detalhado suas igrejas: Nossa Senhora dos Remédios e São Sebastião; o Teatro Amazonas; os colégios centenários das freiras; os pontos de encontro da alta sociedade amazonense; os bares e os pontos de encontro dos jovens da época; a Manaus de Hatoum é um passeio pela história da cidade nos últimos cem anos. Ainda cita a grande transformação que a cidade sofre com a implantação da Zona Franca de Manaus, os novos bairros que surgem, especialmente na zona norte da cidade, que está sendo povoada pelos ex-seringueiros.

8 COMANDANTE LOURENÇO

A trama de Sylvia Aranha se passa ora no Rio de Janeiro imperial, ora em Manaus, mas somente a partir do capítulo 23 tem início a viagem para a Amazônia e o romance passa a falar de outros espaços geográficos do Brasil. A costa brasileira é citada a partir da viagem de navio que sai do porto do Rio de Janeiro até Belém. Desta forma ele se concentra geograficamente entre Belém, Manaus (Vila da Barra), Itacoatiara (Vila de Serpa) e Santarém; mas se pode dizer que o maior espaço que as ações ocorrem é o navio a vapor que Lourenço que viaja pelo Amazonas e que depois será seu comandante.

Entre Manaus e Itacoatiara o navio passa por vários portos de lenha para abastecer e descarregar os mantimentos que traziam para os senhores dos barrancos. Esse navio é o espaço que o personagem passa mais tempo, também é o símbolo de sua jornada pelos rios e igarapés amazônicos.

Anotações:

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-



Figura 11 - O Amazonas de Comandante Lourenço, de Sylvia Aranha



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

Assim fomos nos aproximando da Vila de Serpa, em plena manhã. Quando ouviram o apito do navio anunciando a chegada, correu muita gente para o porto: vendedores de frutas, bananas fritas, tapioca, peixe assado envolto em folhas de bananeira, pés-de-moleque, mexira. (Comandante Lourenço, p. 104)

Durante a viagem tínhamos ouvido diversos comentários sobre a Colônia agroindustrial que fazia parte de um plano do Governo Imperial para a colonização da Amazônia, e fora fundada pela Companhia de Navegação de Mauá. (Comandante Lourenço, p. 107)

Felizmente a chegada à Vila da Barra, ou Manaus, capital da nova Província do Amazonas, foi tranquila; havíamos deixado as águas pardacentas do Amazonas e entrando nas escuras do rio Negro. (Comandante Lourenço, p. 110)

Manaus não é o centro desse romance, é apenas um suporte para a história que Sylvia nos conta; já Itacoatiara, ou melhor, aqui Vila de Serpa é um dos centros da trama dela, já que há mais dois lugares centrais neste enredo; Rio de Janeiro por onde quase a metade da história se passa e Belém, o primeiro lugar amazônico que Lourenço desembarca.

Vila de Serpa é o porto segura de Lourenço nessa trama, é também o lugar, após navegar pelos rios amazônicos que ele irá escolher para residir e fazer de seus



conhecimentos médicos uma profissão para minimizar o sofrimento dos ribeirinhos com as doenças da selva amazônica, especialmente a febre amarela, a malária e as doenças de origem hídrica.

Esse Amazonas de Sylvia Aranha, nesta obra, é muito singular, muito simples por um lado, já que são apenas duas vilas que ela cita; por outro bem complexo, visto que ela traz as transformações que esses lugares sofrem; Manaus, por exemplo, passou de São José da Barra do Rio Negro a Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro, ou Vila da Barra, e finalmente o nome, sendo elevada a categoria de capital da nova província do império do Brasil.

Itacoatiara passou de Vila Serpa ou Cidade da Pedra Pintada, por possuir na entrada da área urbana uma pedra pintada com um escrito indígena do tupi ou nheengatu itá: pedra; e coatiara – pintado, gravado, escrito, esculpido. Essas metamorfoses de nomes são também as mudanças que esses locais sofrem em infraestrutura, desenvolvimento e povoamento.

Esses lugares são espaços lógicos contínuos; são a própria metáfora social do povo, dos espaços-língua; da construção de uma identidade regional, e que Sylvia Aranha traz de forma belíssima, ultrapassando as barreiras físicas e geográficas impostas pelo clima, pela vegetação da região, pela própria selva que é aliada e inimiga ao mesmo tempo. Manaus e Itacoatiara, duas cidades, duas vilas em ascensão.

Figura 12 - A Amazônia de Comandante Lourenço, de Sylvia Aranha



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)





Quando o navio em que devia viajar aportou em Belém, fui convidado a visitá-lo e a conhecer o comandante Aquino. Era a última viagem que ele faria, porque precisava voltar para o sul pois, segundo ouviu dizer, alguém de sua família estava muito doente. (Comandante Lourenço, p.95)

O navio no qual faria minha primeira viagem de Belém à Vila da Barra estava no cais construído de acordo com o modelo dos vapores fluviais americanos, o navio lembrava um monstro, com dois chifres: as duas chaminés encostadas uma na outra, e as enormes rodas movidas por máquinas de alta pressão. (Comandante Lourenço, p.96)

O episódio dos leprosos em Santarém e mais a visita de um médico enviado pelo Presidente da Província à Vila Bela Imperatriz, a fim de verificar a veracidade da notícia a respeito de uma epidemia de “cholera morbus” que estaria grassando na região, me levaram a questionar profundamente a decisão de abandonar a medicina. (Comandante Lourenço, p.127)

A Amazônia de Sylvia Aranha é restrita, é circular, é povoada de doenças, mazelas do povo, é também pobre e rica ao mesmo tempo; pobre porque os povos que habitam têm o mínimo para viver, já que dependia dos centros de abastecimento do corredor Belém-Manaus; rica pelo potencial dos recursos que a grande Amazônia oferece.

Manaus, Itacoatiara, Belém e Santarém são as cidades amazônicas que Sylvia mais cita em Comandante Lourenço. As duas primeiras já mencionadas acima são a referências no Estado do Amazonas, especialmente Itacoatiara, lugar que Lourenço, narrador-personagem, irá viver para se dedicar a missão de ajudar os doentes da floresta; sua missão é uma espécie de sacerdócio, a qual ele busca nos recursos da medicina aliviar as dores daqueles que sofrem.

Belém é seu primeiro contato com os povos que habitam a região Amazônica, é também o encontro com sua “nova família”; é de onde ele parte para sua saga pelos rios da região; ele torna-se o comandante do navio que viaja pelo emaranhado de rios que formam a grande espinha dorsal do Amazonas. E Santarém é o encontro de Lourenço com uma das mais duras realidades amazônicas e do Brasil, os doentes de hanseníase, que eram segregados do convívio familiar, social, eclesial, enfim, eram os excluídos da humanidade. Essa exclusão começa na família e terminava com o abandono do estado as condições de saúde que os doentes sofriam.



Figura 13 - O Brasil de Comandante Lourenço, de Sylvia Aranha



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

Novidade! Comprei um mapa! Eu que nunca tinha saído da Província do Rio de Janeiro, de repente vi-me viajando na imaginação pelas costas do Brasil, acompanhando o paquete em que Lourenço seguia rumo a Belém, fazendo várias escalas. Debruçava-me no mapa e o descrevia para Eusébia, que já estava também aprendendo a ler. (Comandante Lourenço, p.73)

Enquanto a viagem prosseguia até Belém, Firmino, eu e o noivo acertávamos tudo, enquanto a noiva, em Itacoatiara, de nada sabia, a não ser que esperava uma criança. (Comandante Lourenço, p.114)

Fazia já mais de dois anos que eu estava no Norte e havia pedido licença para ir ao Rio de Janeiro a fim de rever minha tia Carolina e os outros familiares. A próxima viagem à Barra seria a última; na volta a Belém embarcaria no primeiro navio costeiro que me levaria ao sul. (Comandante Lourenço, p.128)

O Brasil de Sylvia Aranha nesta obra é um país singular, rural, em construção. O Rio de Janeiro, capital do império, lugar de nascimento de Lourenço, nele estão as raízes do narrador-personagem; está a sua família e amigos. Belém é capital da





Província do Grão-Pará, talvez seja caro leitor, o lugar menos inóspito da Amazônia, visto que os demais espaços são cercados pelos mistérios da floresta.

Já Manaus, Vila da Barra, ou simplesmente Barra, é capital como se mencionou antes da nova província, o Amazonas, a mais nova capital do Norte do Brasil. Sylvia não nos dá muito detalhes de Manaus, até porque, o enredo não se passa por lá, a cidade serve apenas como uma geolocalização, uma espécie de suporte ou interligação entre Belém-Manaus.

Enquanto Belém tem alguns lugares descritos, especialmente seu porto e a região mais centrais da cidade; algo interessante que os portos têm uma grande importância neste romance; diríamos que essa relevância é fundamental para o desenrolar do enredo; primeiro porque os portos são locais de abastecimentos dos navios com lenhas, visto que, eles só conseguiam navegar devido à queima de lenhas, eram máquinas a vapor.

A figura 13 nos remota a compreender que o Brasil império, é um país em descoberta constante, não como os portugueses fizeram séculos antes, mas a descoberta de uma Amazônia intocada, pouco povoada e que mesmo com saga dos nordestinos que já começavam a dirigir para a região em busca do eldorado da borracha; ela, Amazônia, sobrevive quase inexplorada. E que talvez a história econômica seja capaz de explicar como isso ocorre, já que muitas explorações são causadas pelas ideologias disseminadas e outras pela ganância descontrolável do ser humano.

9 FILHOS DA VÁRZEA

Os poemas, de Aníbal Beça, são ambientados na sua primeira parte nas várzeas; elas podem ser qualquer lugar da imensa malha fluvial que tece o Amazonas. O rio é o espaço geográfico, a várzea é o local em que o poeta se inspira para compor seus sonetos, haicais, quadras e tantos outros versos que podem representar um lugar lá no alto Juruá, como um espaço lá no baixo Amazonas.

Anotações:

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-



Figura 14 - A várzea de Filhos da várzea, de Aníbal Beça.



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

Presságio de Boas Novas Várzeas

Presságio de boas novas várzeas,
Oferendas dos pajés das terras:

Do cheiro-verde, o viço fraterno;
Dos peixes, a esperança de vida;
Dos beijos, a noção de repartir.

Neste chão de cardos, o que chegou
Como foice às ramas da capoeira,
Faz-se herdeiro dessa orbe malsã:
Desígnio no códice dos peraus.

Deixa que os vivos saúdem seus vivos
Enquanto a morte ronda águas palustres.
Morte, sujeito mais que predicado,
Executa a melodia dos ventos:
Vida vivida morte morrida.

Remanso rútilo de águas-vivas,
Nem tudo é turvo nessa rotina:
Brilham escamas na piracema,
Vicejam mangas, açais, pequiás.
No anguloso rosto de olhos mongóis,
Rupestre repasse de amor irmão.

Fiapo de luz de lamparina
Ilumina a face do varão,
Que pulou do ventre da cunhã,
Jito como tantos outros jitos
Curumins, filhos frágeis dessa várzea,
Que já nascem na cítrica sina:
Resina verde de viscosa vida.
(*Filhos da Várzea*, p. 24 e 25)

Os poemas de Aníbal Beça são simples, mas que contam muito do jeito do homem amazônico, do homem da várzea, do povo simples do interior. Poderíamos dizer que esses poemas são poemas de propriedade da poesia topográfica, já que neles temos





muita coisa de topografia: os rios, os barrancos, os igarapés, a floresta, os campos, as casas simples do interior.

A figura 14 nos apresenta várias cidades do interior do Amazonas, porém o que mais chama atenção: é o rio Solimões, que depois se chamará, Amazonas, que corta o estado de leste a oeste; e deixa as cidades sempre as margens dele ou próximas a ele. São os casos de Tefé e Coari, que mesmo localizadas dentro de lagos, estão ligadas ao rio de alguma maneira.

O rio é o condutor da vida do povo das várzeas, por ele chega os remédios, os alimentos que no campo não é possível plantar; por ele chegam as notícias das cidades, quando nelas não têm outro meio de comunicação que, ou quando as ondas sonoras das rádios não alcançam os interiores mais distantes, encravados no meio da densa floresta.

O Solimões, Amazonas, é a grande espinha dorsal da bacia amazônica, diríamos que todos os rios correm em direção a ele, fazendo dele o maior em volume de água, o maior em extensão, o maior em espécies aquáticas de água doce; o maior em biodiversidade. Os lugares no mapa são separados não por horas de viagem, mas por dias, alguns com mais de uma semana de navegação saindo de Manaus, são os casos de Tabatinga e Benjamim Constant.

Ele oferece resignação ao habitante das várzeas, visto que no inverno rigoroso que a região sofre, as chuvas são abundantes, os rios enchem e todos convergem para o Amazonas, fazendo-o mais caudaloso, abundante, majestoso e imponente. Aqui a cartografia literária nos surpreende, já os poemas nos dizem pouco da cidade, mas nos revelam muito das várzeas; é o fazer literário, é a literatura cumprindo um dos papéis mais importantes do seu fazer: revelar aquilo que seria possível, aquilo que poderia ser. E Aníbal Beça nos faz isso brilhantemente; ele nos diz com seus poemas as realidades do habitante das várzeas, mas nas entrelinhas nos traz uma várzea viva, dinâmica, real, que mesmo na penúria nos dias mais sombrios conseguem se reinventar, se regenerar e oportuniza a quem dela vive, a esperança de o amanhã ser melhor que o hoje.

10 AMAZONAS, PÁTRIA DA ÁGUA

Os poemas são ambientados na Amazônia. Inicia com um relato de onde nasce o rio Amazonas, isto é, na Cordilheira dos Andes. Depois o texto se concentra entre vários pontos geográficos do Amazonas, especialmente, entre Barreirinha e Manaus, no entanto, os poemas narrativos passam pelos vários rios que fazem a malha terciária do





Amazonas; Solimões, Madeira, Juruá, Purus que são de águas barrentas; Tocantins, águas azuis; Tapajós e Xingu, águas verdes; Negro, Andirá, águas pretas.

Os poemas narrativos perpassam geograficamente por Tabatinga, descem o rio até Tefé, adentram a Reserva Mamirauá, descem mais um pouco e desembocam em Coari, na região de Urucum. Segue a trilha das águas e passam por Codajás, voltam um pouco e fazem uma parada no Alto Juruá e no Madeira para lembrar da época da extração da borracha.

O curso das águas segue firme e passa por Manaus onde os poemas são projetados na orla e na expansão urbana que a cidade sofre nos anos de 1970. E no batuque das águas os poemas deságuam no baixo Amazonas, tendo Barreirinha como concentração da maioria dos poemas, mas não deixa de citar Maués e suas tribos indígenas; Parintins e sua ilha encantada, Rio Preto da Eva e suas águas pretas.

Ainda cita em sua jornada aquática Amaturá, Boa Vista dos Ramos, entre outras cidades. Na última parte o poeta relata sua viagem ao baixo Amazonas, saindo de Manaus, do Educandos, bairro pobre da cidade, passando pelo encontro das águas e seguindo passando várias comunidades. Esta viagem é uma narrativa de sua visita aos barrancos e comunidades deste imenso rio, Amazonas.

O poeta faz um grande elogio a Amazônia, e percorrer geograficamente os lugares que a compõem é uma grande sina que leva o leitor a estradas fluviais, a caminhos que só existem nela; lugares inusitados. A geografia de Thiago de Mello é diferente: é um mundo grandioso, de superlativos.

Neste mundo superlativo de Mello, a noção de distância adquire por sua vez um novo sentido; isto é, a distância é uma categoria absoluta, ontológica: a floresta está aqui – ou distante daqueles que a querem sufocar. É uma atmosfera de olhar a selva, seus habitantes, os rios e suas curvas sinuosas, e entender que ela tem forças para subjugar o homem; que os rios têm seus encantos e mistérios que podem enlouquecer os navegantes desavisados e aqueles que tentam dominá-lo ou destruí-lo. Assim, fica evidente que o mundo de Mello é natural, bonito, simples, encantador, revelador, mas que sabe se defender quando atacado.

Anotações:



Figura 15 - O Amazonas de Amazonas, pátria da água, de Thiago de Mello.



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

[...] A brasileira Tabatinga e a colombiana Letícia, uma contígua à outra e, na frente delas, lá do outro lado do rio, a pequenina e valente Ramón Castilla peruana, já onze vezes destruída pela força das águas que lhe carregam as terras da várzea. [...] (Amazonas, pátria da água p.28)

Tomo uma catraia na boca do igarapé de Manaus, um estreito braço do rio Negro, que a gente atravessa a pé enxuto no tempo da vazante. (Amazonas, pátria da água p.31)

[...] aqui se condensa uma população três vezes maior do que a de Barreirinha, a pequena cidade onde nasci, plantada na várzea do Médio Amazonas, e onde estou morando desde que voltei do exílio, em 1978. (Amazonas, pátria da água p.31)

[...] é preciso ir ao encontro dele nos lagos escondidos. Vamos com três caboclos da bem organizada Colônia de Pescadores de Parintins para uma pescaria que vai durar a noite inteira. (Amazonas, pátria da água p.58)

[...] A não ser que se proceda com sabedoria, como fez o Márcio Ayres, diretor da maior reserva de várzea do Amazonas, Mamirauá. Ele simplesmente trabalhou, com paixão e perseverança – ele e seus companheiros -, para conscientizar a população da comunidade de que era dever de cada um defender a área da reserva. (Amazonas, pátria da água p.64)

[...] Conheço do que digo. Acompanho de perto o trabalho de catequese realizado junto aos índios da Nação Maué, nas terras do



Alto Andirá, pelos padres italianos da diocese de Parintins.
(Amazonas, pátria da água p.75)

Acabo de descer na cidadezinha de Amaturá, na beira do rio Solimões.
São seis horas da manhã, de 9 de setembro de 1978. (Amazonas,
pátria da água p.79)

[...] Tanto as barrentas (como as do Ramos, que é braço do Amazonas,
as do Solimões, as do Madeira, do Juruá), as pretas (como as do
Andirá, que certos dias amanhecem cor de cobre e até esverdeadas, as
do Negro, do Preto da Eva, do Uaicurapá, do Purus, do lado do
Marcelo, no paraná-mirim da Eva). (Amazonas, pátria da água p.87)

- Examinando amostras de peixe, solos, plantas e sedimentos do rio,
constatamos um grande índice de mercúrio nos peixes na bacia do rio
Madeira. (Amazonas, pátria da água p.89)

O Amazonas de Mello é aquático, os pontos de geolocalização das cidades são apenas para nos situarmos, já que ele faz uma metáfora, não fala diretamente os nomes das cidades, com raras exceções, ele fala os nomes dos rios, dos igarapés, dos lagos e das bacias hidrográficas; esse tipo de menção nos remete para as cidades que ficam às margens dessas estradas fluviais.

Thiago de Mello transita por todas as calhas que compõem o estado fluvial do Amazonas; é como se ele fosse onipresente, isto é, estivesse em todos os lugares; é fato que ele viajou muito pelos rios amazônicos; conheceu várias cidades, e pode falar delas com conhecimento de causa. Isso torna mais rica a leitura desses poemas, dessa história que nasce nos Andes e desemboca no Atlântico.

Olhando mais uma vez a figura 15 as cidades que são metaforizadas estão sempre próximas de uma reserva florestal; de um crime ambiental; de uma beleza paisagem amazônica, ou estão veiculadas a outros acontecimentos que possam as aproximar dos fatos que ele poematiza.

Ao trabalhar com os poemas, nesta obra, de Thiago de Mello, partimos de um ponto estratégico que é observar as matizes dos rios, da floresta e da chuva, elas são matizes das cidades amazônicas, das calhas que cada uma pertence, com sua singularidade, tais como: as cidades da região do Juruá, do Madeira e do Purus, são ligadas no passado a extração da seringueira que muito enriqueceu Manaus; hoje são exploradas pelos recursos minerais que elas guardam; enquanto as cidades do Alto, Médio e Baixo vivem da exploração dos minérios e da conservação da floresta e de seus lagos. Não podemos afirmar, mas sim deduzir que o poeta quis nos levar a pensar o estado não como um conglomerado de pessoas, mas com um estado aquático, florestal, que tem na sua gente o maior tesouro e na floresta a sua grande riqueza.



Figura 16 - A Amazônia, de Thiago de Mello



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

[...] As águas barrentas do Solimões, do Madeira, do Juruá, do Purus. As azuis do Tocantins, as verdes do Tapajós, do Xingu. As águas negras de todas as cores do rio Andirá, rio do meu coração, que banha a Ponta da Gaivota, reino de silencio sonoro, na comunidade da Freguesia, [...] (Amazonas, pátria da água p.24-25)

[...] é ali que ele se faz Amazonas propriamente dito, impetuoso varando até o profundo estreito de Breves, de onde sai se alargando, se espalhando desmedido pela baía do Marajó, as suas ondas chegam a parecer de mar alto: (Amazonas, pátria da água p.23)

Entre 1895 e 1909, a Amazônia exportou mais de 400 mil toneladas de borracha, pagas a preço de ouro pelos europeus. Em Manaus, Belém e Iquitos (no Peru), vivia-se a grande vida. (Amazonas, pátria da água p.38)

A Amazônia de Mello em *Amazonas, pátria da água*, é grande, é imensa como ela é, mas ele a torna maior, diríamos do tamanho do Brasil, e para que essa grandiosidade ocorra; o poeta usa mais uma vez os rios, condutores da vida. A figura 16 nos traz essa imensidão que ele nos propõe. E a Amazônia é grande mesmo, somente a parte brasileira ocupa mais de 60% de nosso território; se englobarmos a parte que fica localizada em outros países do continente sul-americano teremos mais de 80% ocupado por ela. Ele não cita quase nenhuma capital do norte do Brasil, mas sim os rios, já que o



importante aqui é mostrar essa grandiosidade aquática que é a Amazônia. Os rios e suas cores são o que mais o poeta chama atenção, e eles convergem para o Amazonas.

Figura 17 - A Manaus, de Thiago de Mello



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

De volta a Manaus, fico olhando o porto da navegação mercante, nacional e internacional – o famoso *roadway*, o cais flutuante construído pelos ingleses no começo do século em pleno auge da extração e exportação da borracha, [...] (Amazonas, pátria da água p.29)

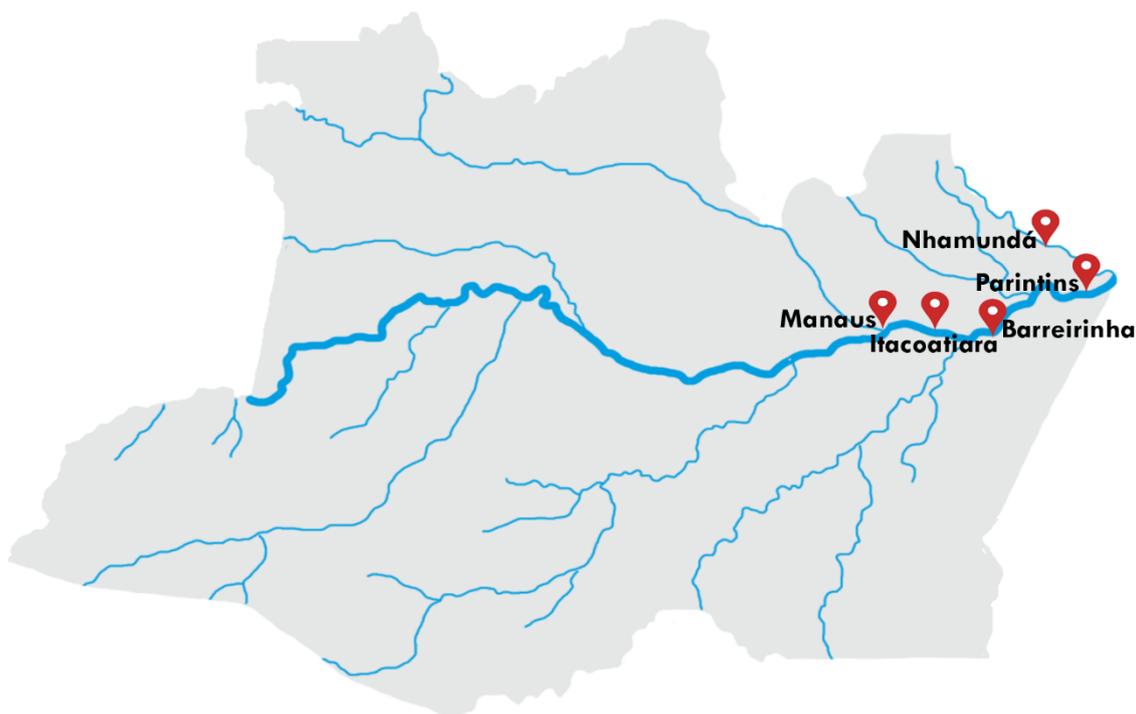
Bem ao lado do porto principal, está a desguarnecida e escura beira rio, aos fundos do Mercado Municipal, que serve de ponto de chegada e de partida às embarcações dos mais diversos tipos e tamanhos que viajam para os incontáveis afluentes, paranás, igarapés e furos de quase toda a Bacia Amazônica, uma rede fluvial de 400 mil quilômetros. (Amazonas, pátria da água p.29)

[...] Aqui bem na beirinha do igarapé – já quase chegando à ponte de ferro atravessada pelos automóveis dos turistas que chegam a Manaus em demanda dos artigos importados da Zona Franca – olho os casebres sustentados por esteios, de permeio a barrancos que mal se apoiam sobre troncos, batidos pela água grossa e fedorenta. (Amazonas, pátria da água p.31)



A Manaus de Thiago de Mello é portuária, é de lembranças dos anos dourados que ela vivera no início do século XX. A figura 17 é bem reveladora, já que ele recorta um pedaço da capital amazonense. A região portuária em Mello é dinâmica pelos movimentos no pôr de embarcações, mas também é triste.

Figura 18 - Viagem ao Rio Amazonas e seus Barrancos



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

Vamos descendo o rio Negro. Suas águas pretíssimas brilham ao sol da manhã; sobre elas rola do Agrícola, alvo rastro de espumas. Com quinze minutos de viagem contornamos a ponta do Educandos, bairro pobre, cujo nome exato é Constantinópolis, ligado a Manaus por uma ponte de cimento e pedra, [...] (Amazonas, pátria da água p.101)
[...] Continuamos a varar o Amazonas, a favor da correnteza e contra os ventos. Vão ficando para trás, pela direita, o igarapé do Piraquequá, a costa do Jacurana, a costa do Jaguará, linda costa de verdes recentemente inaugurados, o Furo do Bode; e, pela esquerda, vai ficando a bela e sossegada costa do Marimba. Vamos navegando, agora – é quase uma hora da tarde -, entre a costa do Tabocal e a ilha das Onças. [...] (Amazonas, pátria da água p.108)

A viagem que Thiago de Mello relata na última parte do livro *Amazonas, pátria da água*, é uma grande declaração de amor a vida simples do interior da





civilização da água; é um canto de amor a floresta, aos rios, aos barrancos e ao clima da selva mais densa do Planeta Terra.

A figura 18 mostra o trajeto que essa viagem faz ao baixo Amazonas, as cidades localizadas são apenas ilustrativas para o caro leitor não se perder no caminho que o poeta nos leva. Diríamos melhor, pela malha fluvial que ele percorre com sua tribulação de homens ribeirinhos e experientes. O mais que ilustrativo, o mapa nos apresenta a geografia do baixo Amazonas.

11 O ENCONTRO DAS ÁGUAS

A obra é ambientada numa comunidade ribeirinha do município de Itacoatiara, porém ela permeia por vários ambientes; passa por Manaus onde a personagem principal irá morar com uma família de militares, é lá que ela irá iniciar seus estudos secundários.

Também se passa algumas cenas em São Paulo quando Moara se muda para lá com a família dos militares, é o local em que ela irá iniciar seu curso universitário; há cenas relâmpagos no Rio de Janeiro e na França, locais por onde passa a família de franceses que irá conhecer a comunidade ribeirinha onde reside a família de Moara.

Mas o enredo tem seu desfecho na volta de Moara ao Amazonas, o rio era um símbolo, é por ele que a vida do povo passa, é por ele que a vida tem sentido. É na comunidade ribeirinha que ela começa e termina.

Anotações:



Figura 19 - O Amazonas de O Encontro das águas, de Sylvia Aranha



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

Sua ida para Manaus a fim de trabalhar numa casa de família; a solidão e a saudade do interior, dos pais e irmãos; a cidade grande e desconhecida. Os padrões eram estranhos para ela. (O Encontro das águas, p.13)

Um dia criou coragem e falou com mãe Martinha sobre seus sonhos. A velhinha ficou meio assustada. O único lugar onde Moara poderia estudar era em Manaus. Mas depois do lhe acontecera! (O Encontro das águas, p.39)

Zé Vicente ia levá-las até à Vila, onde tomariam o motor de recreio que as deixaria em Itacoatiara. (O Encontro das águas, p.71)

[...] Contavam que ele tinha vindo dos Estados Unidos depois da guerra, para servir de condução para as meninas ricas de um colégio de freiras de Manaus. Depois de muito uso, fora vendido para transporte de carga e passageiros do interior. Era esse ônibus que levava as pessoas da beira do lago até a cidade de Itacoatiara. (O Encontro das águas, p.79)

A rodoviária ficava numa rua estreita, no centro de Manaus, e prima Zuleica foi explicando que havia ali muitas mulheres da vida, algumas até mais jovens que Moara. Essa última frase tinha tom de advertência. Mas a jovem fingiu que não percebeu. Não queria se aborrecer logo na chegada. (O Encontro das águas, p.75)

Os romances têm uma força extraordinária, de nos levar a interpretar aquilo que poderia estar ali, e aquilo que realmente está. No caso, deste romance de Sylvia





Aranha, o detalhe da vida de Moara, a saída do interior de Itacoatiara, e sua partida para a capital amazonense, é contada em riquezas de detalhes; assim podemos visualizar aquilo que está na obra.

A geografia aqui não é recipiente, mas uma condição e, uma realidade. Pois sabíamos que Manaus e Itacoatiara ficam próximas, mas com realidades diferentes, histórias de lutas e de domínios diferentes. E quando olhamos a figura 19, e a recortamos para a realidade de Moara, morador de uma pequena comunidade no interior; isso nos revela muito da história de vida que ela irá trilhar nesse romance que Sylvia nos inspira a viver com o outro e para o outro.

O espaço aqui não é apenas uma distância entre dois pontos geográficos, ele é uma distância entre duas realidades que irão se cruzar ao longo da trama; a primeira é de moradora de comunidade rural, analfabeta, sem acesso à escola, sem muita perspectiva de crescer na vida; a segunda é o encontro entre ela e Lauro, desse encontro sairá a decisão dela de mudar de vida, de correr atrás dos seus sonhos; isso inclui sua saída da comunidade para Manaus, e depois para São Paulo.

Manaus – Itacoatiara esse itinerário será percorrido pelas personagens de Sylvia Aranha ao longo do enredo, é um itinerário que faz com que eles busquem na capital aquilo que não encontram na cidade de origem; por ele as personagens buscam “salvar” os lagos da pesca predatório, da destruição dos recursos de fauna e flora; esse caminho, é uma espécie de peregrinação que começa com Moara.

Anotações:



Figura 20 - O Brasil de Encontro das águas, de Sylvia Aranha



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

Dileta achava que Dona Odete sofria muito em Manaus, uma cidade muito diferente de São Paulo, pelo que contava a patroa. A cada dia, parecia que a mulher ia caminhando de volta para o Sul, tal o desejo de que isso acontecesse. (*O Encontro das águas*, p.87)

A viagem de avião. Um último olhar para o imenso rio Negro, cheio de ilhas. A chegada a São Paulo. Terra neblinosa, fria. Aquele mar de luzes que se perdia de vista. Cadê o rio majestoso para se ver? (*O Encontro das águas*, p.92-93)

Dileta Moara, amazonense dos beiradões, agora universitária, voltou para casa, onde recebeu cumprimentos até do Major, habitualmente tão calado. (*O Encontro das águas*, p.93)

O Brasil de Sylvia Aranha em *O Encontro das águas*, é o Brasil dos anos de 1970, do regime militar; das restrições de direitos constitucionais, das perseguições; mas é um Brasil inclusivo, onde uma pessoa de origem bem humilde consegue ingressar na faculdade, em um tempo que isso era raro.



A figura 20 nos traz mais uma vez a conexão Manaus-São Paulo-Rio de Janeiro; não podemos afirmar porque a romancista faz esse tipo de conexão, mas pela leitura do mapa podemos deduzir que ela nos remota aos centros culturais do sudeste e norte do país. Ou talvez, no caso, do Rio de Janeiro seja apenas para marcar a entrada da família francesa no território brasileiro.

Ler um mapa é trazer à luz histórias que poderiam ser contadas, e que o/a romancista deixou para o leitor contá-las. O mapa que temos aqui pode nos ajudar a compreender a história de Dileta Moara, menina de um beiradão do Amazonas, que tem sua vida modificada, mas não perde sua essência, pois a autora nos brinda com uma personagem humana, viva, resignada, determinada, e acima de qualquer coisa simples.

12 CORONEL DE BARRANCO

A trama é ambientada na conexão Amazonas-Acre; tendo seu início em algum rio do baixo Amazonas, onde se localiza o seringal Tristeza. Manaus é o ambientada com sua imponente arquitetura de cidade luz dos trópicos, grande exportadora de borracha; seus cafés, seus bares, seus clubes e o majestoso Teatro Amazonas, são os lugares por onde os personagens circulam, mas ela não é o centro deste romance, já a vida em um seringal do Acre passa a ser o centro da história.

O narrador-personagem, Matias, passa um tempo na Europa, após sair do seringal *Tristeza* e ter seu destino marcado por uma tragédia; o tio traça o caminho o sobrinho em direção a Kew; no entanto, Matias circula por toda Europa. O velho continente é a base de sua transformação intelectual, cultural e social; lá ele tem seu aprendizado aprofundado.

Retorna ao Brasil após trinta anos na Europa; em Manaus conhece um “coronel de barranco” e decide ir com ele, trabalhar no seringal “Fé em Deus”, que fica na fronteira do Acre com a Bolívia. É nesse lugar inóspito que a trama se passa na sua maior parte. É também onde se desenrola as questões mais latentes relacionadas à extração da borracha.

As desigualdades que esse sistema tem na sua origem leva o leitor a refletir mais uma vez do papel da literatura em falar aquilo que a história oficial nos conta e que a cartografia nos mostra; mas aqui a história real é bem próxima da história ficcional; já a cartografia dos ambientes dessa ficção foi criada aqui para ilustrar as conexões desses lugares tão distantes: Manaus – Fé em Deus. Em vez que, todos convergem em direção as angústias e dissabores dos personagens.



Figura 21 - A Amazônia de Coronel de Barranco



Fonte: Braga (2021), Marques (2021)

- Belém ou Manaus, nem sei ainda. Só sei que não fico aqui. Hei de ter coragem, com a ajuda de Deus, para largar esse lugar. Este lugar, onde eu nasci, onde me casei, este lugar amaldiçoado, mas onde fui feliz tantos anos. Vai embora, Matias, vai enquanto é tempo. (Coronel de Barranco, p. 50-51)

De dia a dia, ele queria chegar ao Jardim Botânico mais cedo. O que me causava desagrado, pelo frio que sentia a cada manhã mais intensamente, começando mesmo a me apavorar ante a ideia de que ainda estávamos no “rigor do verão”. (Coronel de Barranco, p.58)

Uma abstração que só ganhou para mim a consistência de fato concreto, à hora de desembarcar em Manaus, depois de tão prolongado exílio. De vinte e nove anos que eu deixara o Colégio Anacleto, quase imberbe, incapaz de sonhar com aquilo que tinha agora diante dos olhos, quando meus cabelos começavam a embranquecer. (Coronel de Barranco, p.65)

Vendo-me assim decidido, falou de um proprietário de seringal, lá pelos confins do Acre, quase nas fronteiras da Bolívia, que andava atrás de um homem enérgico, honesto e conhecedor de escrituração mercantil. (Coronel de Barranco, p.69)

[...] E um sócio da Casa de Flores, a mais importante firma aviadora do Amazonas, que tinha a exclusividade dos fornecimentos para o “Fé em Deus”, além de servir como intermediária para a entrega da borracha à poderosa companhia inglesa de exportação. (Coronel de Barranco, p.75)



Os espaços em Coronel de Barranco é uma mistura de glamour, elegância e riqueza com tristeza, solidão, escravidão e ganância. Isso fica evidente nos ambientes frequentados pelos coronéis de barranco em Manaus, e a vida dura e difícil que os seringueiros levavam longe de suas famílias, sem poder criar, plantar, e nem ter mulher, apenas vivendo para enriquecer o “patrão”.

A figura 21 nos mostra o percurso que Matias, narrador-personagem, faz para buscar a felicidade, e assim, talvez sair de sua eterna solidão. O seringal Tristeza, talvez seja a personificação dos sentimentos de quem vive tão longe de tudo e em lugares inóspitos como os dois seringais da obra de Cláudio de Araújo Lima: *Tristeza e Fé em Deus*.

Essa dicotomia seja também de um lado a solidão, já mencionada aqui, de outro a esperança, pois talvez aqui, a fé seja o símbolo da esperança em dias melhores, mais afortunados, mais vivos, menos solitários. Os personagens são resilientes, absorvem aquilo que os consomem. Portanto, o destino dos personagens no enredo caro leitor, que você pode descobrir, ao ler a obra, tem muito a ver com o espaço que eles estão e que irão frequentar.

13 UMA PROPOSTA PARA USO NAS AULAS

A seguir traçamos um passo a passo de como usar este material e aplicá-lo com êxito em sala de aula.

- ❖ Primeiro passo: escolha uma das obras literárias analisadas aqui ou se desejar outra da literatura regional de onde você mora;
- ❖ Segundo passo: leia com os discentes a obra escolhida, e peça para que eles retirem do texto expressões de cunho socioambiental;
- ❖ Terceiro passo: Crie uma ficha e elenque essas expressões por categorias, tais como: recursos hídricos, recursos florestais, recursos minerais, recursos de fauna, aspectos climáticos, aspectos territoriais, aspectos produtivos e/ou aspectos geográficos.
- ❖ Quarto passo: Peça aos discentes que pesquise sobre esses aspectos e cruze a pesquisa deles com as expressões retiradas da obra literária lida; depois os incentive a apresentar em forma de gráficos, tabelas ou outros instrumentos





que possam da vida aquilo que o romancista, cronista, poeta ou contista põe na sua feitura textual.

- ❖ Último passo: Analise as citações e crie mapas mentais com as palavras relacionadas às questões ambientais, e mapas de geolocalização para indicar a ocorrência dos fatos mais interessantes da obra analisada.

Feito todos esses passos você, docente, por de forma interdisciplinar envolver outros colegas de profissão, convidando-os para trabalharem em sala de aula as questões ambientais e envolvendo outros temas tais como: história regional, ciências da natureza local, as formas de falar que são ditas pelos personagens, estatísticas, gráficos e outros temas curriculares.





14 CONSIDERAÇÕES

A proposta apresentada aqui tem a finalidade de interligar saberes para que a transformação ocorra não somente com o discente, mas também com o docente e a comunidade que ele pertence. Uma transformação no pensar, para a apropriação da sensibilidade e do engajamento da contínua prática do entendimento das questões ambientais latentes por meio do contexto escolar. Tendo em vista, que se faz urgente trabalhar essas questões de forma interdisciplinar, na intenção que seja fortalecida e difundida para a visibilidade dos recursos naturais nos biomas do Brasil.

Práticas que podem ser trazidas para as aulas e agenciar um ensino não somente de Literatura, mas de Geografia, História, Matemática, Biologia, Química, Física, Língua Estrangeira, Arte, Sociologia e Filosofia. Primando por um olhar intermediado pela dialética da complexidade sistêmica, daquele que porventura queira conectar saberes em meio as certezas e incertezas (MORIN, 2015).

Visando assim, o ensino das Ciências Ambientais para a valorização do local ao global em prol da compreensão dos recursos naturais e da aprendizagem autônoma. Pois, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2002, p. 12). Ressaltando que, aqui foi proposto uma das muitas práxis pedagógicas que podem construir a sensibilidade e o engajamento para a continuidade da conservação ambiental *no e para* o ensino de Língua Portuguesa e Literatura.





15 REFERÊNCIAS

BEÇA, Aníbal. **Filhos da Várzea**. Manaus: Editora Valer, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Cláudio de Araújo. **Coronel de Barranco**. Manaus: Editora Valer, 2019.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, pátria da água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu: 1800-1900**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **O Encontro das Águas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

_____. **Comandante Lourenço**. Manaus: Editora Valer, 2006.



SEPTENTRIO



AMERICA

PROVINCIALES

M. aqueduct

Ins. rup.

Desertum magnum

Acaratim terra

CASIRIA DE LORO

BENEZVELA REG

NOVA ANDALVZIA

CARTAGENA

Provincia de Corpus Christi

Provinci de los Tisnadaz

Provincia de Onagua

Provincia de S. luan

Provincia de Cari-pana

Provincia de S. luan de las Amazonas



AMERIQUE

Amerique ou breille



Textual content in a decorative frame, likely a dedication or historical account related to the map's creation.

CAP DE FAIE